Núm. 30

25-7-52

a cena muda

Cr$ 3,00
EM TODO
O BRASIL

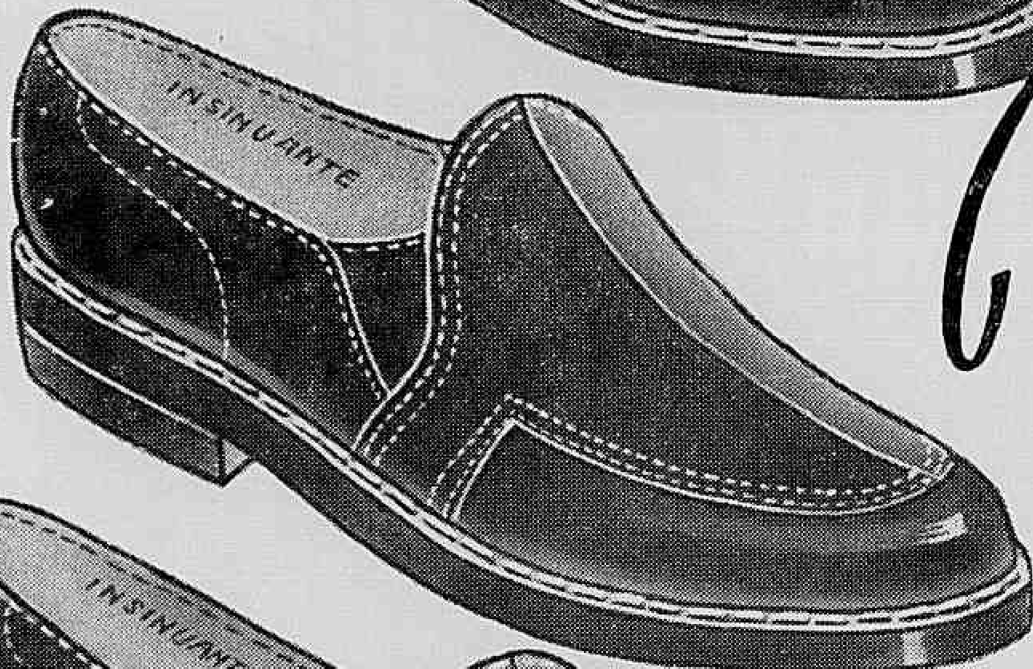




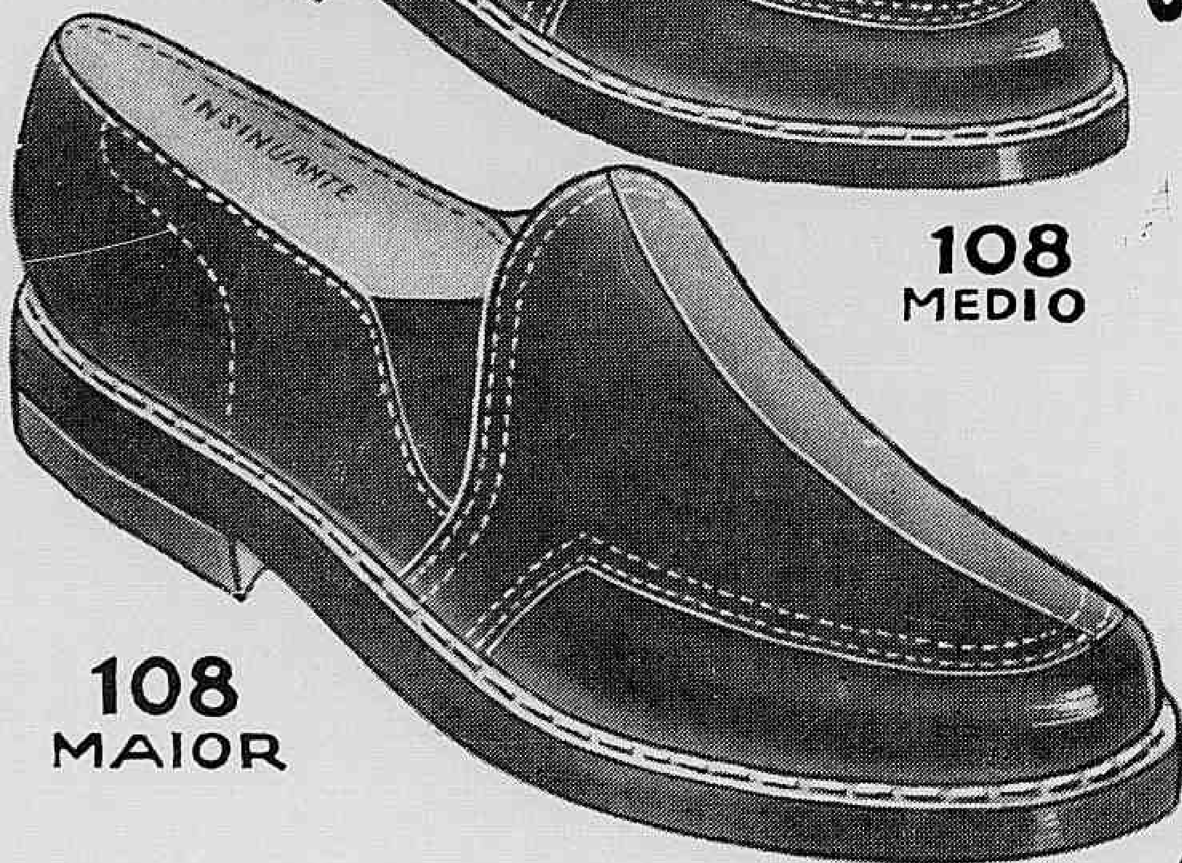
COMPRAR POR MENOS
É HUMANO! MAS...
... POR MENOS QUE NA
INSINUANTE
É HUMANAMENTE
IMPOSSIVEL.



108
PEQUENO



108
MEDIO



108
MAIOR

Maracanã!

UM SAPATO PARA O HOMEM DE HOJE E PARA O HOMEM DE AMANHÃ

PREÇOS: Pequenino — 22 a 27, Cr$ 98,00
Pequeno — 28 a 32, Cr$ 140,00
Médio — 33 a 37, Cr$ 150,00
Maior — 38 a 44, Cr$ 195,00

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL.
PORTE POR PAR: 5 CRUZEIROS
Não fazemos Reembôlso Postal

insinuante

Devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!

UMA GALERIA À SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE ÀS SUAS ORDENS

CARIOCA, 46-48 – 7 de SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG

CIRANDA, CIRANDINHA



1 — Os leitores desta Revista estão manifestando sua opinião sôbre nossa consulta feita numa das edições anteriores: deve A CENA MUDA manter sua feitura como está agora, isto é, no sentido eclético, com cinema, rádio, teatro, música, etc., ou deve voltar ao que era até julho de 1942, exclusivamente de cinema? As primeiras manifestações foram categóricas: deve voltar ao que era. Dêsses votos destacamos a argumentação dos seguintes leitores: Marcus de Oliveira, de Goiânia; Paula Lopes, do Rio; Roberto Cimino, de Marília, São Paulo; Celina Maria, do Recife e vários outros com apenas votos sem justificação. Registramos ainda duas opiniões dignas de atenção, vindas de Belo Horizonte e de Pôrto Alegre, respectivamente: Osiris Rocha, crítico de cinema, e Ari Neves Mendonça, funcionário da Caixa Econômica e membro do Clube de Cinema da capital gaúcha. Suas argumentações se revestem de muito bom senso, de equilíbrio crítico, são ponderáveis e dignas de estudo mais acurado. Vão pesar muito na balança de nossas futuras determinações. Êles acham que a CENA MUDA deve servir o campo cinematográfico, em bases sólidas, com selecionada colaboração, artigos culturais, paginação esmerada, enfim se converta num semanário que o fã compulse e sinta prazer espiritual. Agradecemos a todos.

2 — Do outro lado continuam a chegar votos a favor do ecletismo. E muita gente acha que a matéria sôbre Rádio devia ser maior! Há também os que sugerem páginas em tôrno de Televisão. Estamos colecionando os votos, as opiniões até que cheguemos a uma conclusão razoável. Uma coisa divulgamos desde já: como fundamento em argumentação os que pleiteiam a volta ao Cinema, exclusivamente, ganham longe! Prossegue o plescito. Está franca a palavra.

3 — Parece que está havendo tolerância da fiscalização oficial em relação aos jornais cinematográficos estrangeiros. Como sabemos, um decreto já velhinho de seis anos foi pôsto em vigor agora, o que fêz afugentar de nossas telas os documentários que nos vinham dos Estados Unidos. Só seriam exibidos no Brasil, se, em troca, ditas filmadoras adquirissem de nosso país, no mínimo, dez por cento da metragem importada. As emprêsas estrangeiras não concordaram com isso, o que determinou a ausência completa de "jornais" dos Estados Unidos. Mas, contra o que se esperava, continuam a ser programados os filmes curtos vindos da Espanha, de Portugal e da França. Será que êsses países concordaram com a exigência do decreto, ou há tolerância oficial até que se chegue a um acôrdo capaz de resolver o impasse? Achamos que há "vista grossa" do nosso govêrno. Mas, por que não figuram os jornais americanos também? Essa tolerância é apenas para aquêles?

3 — Autorizada pela COFAP, foi aumentado o preço dos ingressos de cinema em Belo Horizonte. Da primeira vez houve aquêle sensacional "quebra-quebra", cujos prejuízos serão pagos pelo Tesouro do Estado, conforme processos em andamento. Agora, porém, só está havendo ameaças. Uma coisa é preciso dizer aos que se indignam com êsses aumentos: se querem vencer a majoração, façam a greve branca, não comparecendo aos guichês. Depredar só aumenta o lucro da ganância dos exibidores. . .

E até para a semana.

RENATO DE ALENCAR

CINEMA BRASILEIRO

NOTAS E FATOS CURIOSOS SÔBRE "SIMÃO, O CAOLHO"

INVASÃO DE UMA VILA DURANTE 24 HORAS

DURANTE 24 horas seguidas foi tomada de assalto uma vila da Rua Santo Antônio, em São Paulo. Esta notícia foi espalhada pelas redondezas da referida vila, com foros de ocupação militar, dado o fato de caminhões com geradores, peruas, grandes câmaras, rebatedores de luz e demais aparelhos de filmagens estarem sendo estacionados e descarregando na vila. Uma multidão apareceu sùbitamente e invadiu com os técnicos e artistas do filme "Simão, o Caolho", a vila que foi ocupada. Logo, entretanto, os moradores confraternizaram com a equipe de filmagem da "Maristela", e foram os melhores colaboradores das cenas em que Mesquitinha, Rachel Martins, Carlos Araújo, Claudio Barsotti e outros vivem na vila onde mora "Simão", O Caolho". Cavalcanti, o diretor do filme, não perdeu a chance quando viu aquela multidão e gritou para os assistentes:

— Junte essa gente tôda e vamos filmar logo a cena da expulsão da Moreninha da Vila.

E ninguém mais saiu da vila, que continuou ocupada por 24 horas pela equipe de "Simão, o Caolho".



Mesquitinha, um dos maiores artistas cômicos, interpreta a figura central da comédia

PELA PRIMEIRA VEZ UMA CORUJA É "ESTRÊLA"

Uma das coisas mais curiosas do filme "Simão, o Caolho" é apresentação da coruja Roberta. O cinema americano nos tem brindado com inúmeros animais amestrados, desde o mulo "Francis" até o coelho Harvey; mas nunca apresentou uma coruja. Essa primazia coube ao cinema nacional, apresentando "Roberta", a coruja "estrêla", que numa cena faz a imitação de Simão, o Caolho, e acompanha o Santo (Carlos Araújo) em tôdas as suas meditações no laboratório de inventos inusitados. Além de Mesquitinha e Carlos Araújo, no elenco de "Simão, o Caolho" estão Rachel Martins, Sônia Coelho, Silvana Aguiar, Claudio Barsotti e outros.

JOSÉ CANIZARES — EDITOR PREMIADO EM BUENOS AIRES — TRABALHA EM "SIMÃO, O CAOLHO"

A distribuição dos prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas da Argentina, contemplou dois elementos já radicados na cinematografia brasileira. Um dêles é o diretor de fotografia Mário Pagés, e o outro, é o editor José Canizares. Ambos premiados pelos trabalhos respectivos em "Los Isleros", recentemente apresentado com grande sucesso em Buenos Aires. José Canizares, logo depois de terminar êsse filme na capital argentina, transferiu-se para a Maristela e acaba de editar o filme dirigido por Alberto Cavalcanti, intitulado "Simão, o Caolho", que tem nos principais papéis, Mesquitinha, Rachel Martins e Carlos Araújo.

CAVALCANTI ASSINOU CONTRATO COM A MARISTELA

O conhecido cineasta dirigiu "SIMÃO, O CAOLHO". Mesquitinha foi o intérprete principal. Essa é a quinta produção da Maristela.

A CINEMATOGRÁFICA MARISTELA — anuncia para breve o seu 5º filme, intitulado "Simão, o Caolho". A fim de atender o grande apêlo do público, que está pedindo sempre mais filmes brasileiros, a Cinematográfica Maristela no seu programa para o ano de 1952 firmou três importantíssimos contratos. Foram êles: um contrato de exclusividade com Mesquitinha; outro com Alberto Cavalcanti, e o terceiro com os herdeiros de Galeão Coutinho para a compra dos direitos do livro daquele saudoso escritor, para a realização de "Simão, o Caolho".

O orgumento escolhido para iniciar as atividades filmicas da Cinematográficas Maristela em 1952, foi o extraido do livro "Simão, o Caolho", de Galeão Coutinho. A adaptação foi feita por Miroel Silveira e Osvaldo Moles,



Mesquitinha e Machel Martins, uma cena de «Simão, o Caolho», da Maristela, S. Paulo



O «Caolho» com Silvana de Aguiar, que parece não estar indo na conversa do malandrão

dois conhecidos e aplaudidos elementos do nosso rádio e teatro. A preparação da fita foi cuidada nos mínimos detalhes, e o elenco escolhido a dedo para contracenar com Mesquitinha.

A reportagem procurou ouvir a impressão de Heitor Galeão Coutinho, também cinematografista, pois foi camera-man da Atlântida e teve uma produtora em sociedade com seu pai.

— "A transposição do livro de meu pai para a tela, sempre foi um dos seus sonhos. Sinto êle não estar vivo para assistir ao filme. A adaptação nas mãos de Miroel Silveira e Osvaldo Moles, a direção de Cavalcanti e os honestos propósitos que têm orientado tôdas as produções da Maristela, me autorizam a confiar plenamente no êxito do filme. Estou muito contente também pelo fato de ter sido contratado Mesquitinha para viver o desventurado Simão, o Caolho, que meu pai tanto amava".

É A QUINTA PRODUÇÃO DA MARISTELA

Em seguida o repórter procurou ouvir o sr. Alberto Audrá, diretor-presidente da entidade produtora, que nos adiantou o seguinte:

— "A Maristela em pouco mais de um ano produziu quatro filmes cujos títulos são os seguintes: "Presença de Anita", "Suzana e o Presidente" e "O Comprador de fazendas" já estreados e "Meu Destino é Pecar" a estrear breve. Nosso programa para 1952 já está elaborado e nosso primeiro filme já pronto, é "Simão, o Caolho" cuja direção entregamos a Alberto Cavalcanti, de quem é desnecessário falarmos, devido ao seu estupendo backgrourd. A Maristela, logo nos primeiros dias de março, deu início à rodagem do seu quinto filme, reunindo excelente equipe constituida de elementos como Cavalcanti, Miroel Silveira, Osvaldo Moles, Mesquitinha. Estavamos certos de que atendiamos a um apêlo do grande público brasileiro, que pede mais e melhores filmes nacionais. — Logo em 1º de agôsto daremos início ao segundo filme dêste ano, que será interpretado por Procópio.



Rachel Martins e uma figurante numa das seqüências do filme produzido por Alfredo Palácios

O ELENCO DE "SIMÃO"

Além de Mesquitinha, que viveu o papel título, estão no elenco, Rachel Martins, que interpretou o papel de D. Marcolina, e Carlos Araújo, no papel de "Santo". Ainda trabalham Carlos Tovar, Silvana Aguiar, Armando Peixoto, Yara de Aguiar, Nair Belo, Osmano Cardoso, Sônia Coelho e outros destacados artistas do nosso Teatro, Cinema e Rádio.

OS TÉCNICOS

Trabalharam no recém-terminado "Simão, o Caolho", sob a direção de Cavalcanti os seguintes elementos: Ferenc Fekete, diretor de iluminação; Jacques Lesgards, engenheiro de som; José Canizares, editor; Carlos Landini, camera-man; Roberto Perchiavalli e Osvaldo Katalian, assistentes de direção. O produtor do filme foi Alfredo Palácios.



Mesquitinha e Carlos Araújo, numa das cenas mais gozadas da comédio de Cavalcanti



Melhorou muito. J não parece o «Caolho» e sim o Ca...mões, recitando os «Lusíadas»

DEPOIS DE FEITO...

É muito fácil criticar. E criticar um filme é a coisa mais corriqueira dêste mundo. Todo mundo se julga com direito e capacidade para "meter a lenha" numa obra cinematográfica. Claro que é isso natural entre os fãs; mas, se nos detivermos, por instantes, a pensar na trabalheira que dá uma película de longa metragem, posada, argumentada, planeada, sentiremos vontade de pedir desculpas aos seus realizadores pela falta de tolerância e boa vontade que temos para com os responsáveis. Quando os estúdios já contêm os mais completos aparelhamentos, ainda se admitem as censuras críticas diante de maus filmes; entretanto, quando essa aparelhagem ainda é precária, quando o dinheiro é escasso, quando os realizadores da fita lutam com os maiores empecilhos, que tragédia não é programar e levar a efeito um filme de longa metragem! Portanto, que os críticos tenham mais um pouco de boa vontade e condescendência. Aqui apresentamos algumas fotos que traduzem a trabalheira que dá uma película nessas condições.



A costureira Josephine Boss, antiga modista do Teatro Imperial de Moscou, tirando as medidas da artista Kathleen Byron para o filme «The small back room», produção da «Archers», de Londres, distribuida no Brasil pela União Cinematográfica Brasileira, S.A., do Rio. O vestido teve que ser feito em 24 horas. O cidadão à esquerda é o diretor Michael Powell.



Êstes três homens são: Sidney Gilliat, Hein Heckroth e Leslie Bailley, todos técnicos de cinematografia de argumento e grande metragem, com obras comprovadas pela crítica universal. Estão planeando um belo filme dramático e musical e estudam afincadamente o «script» e os modelos de indumentária e os tipos que devem atuar na película, antes de começar a rodagem. E' assim que nascem os filmes.



O diretor Anthony Kimmins explica com veemência uma das cenas de «Bonnie Prince Charlie», a David Niven, que está travestido de qualquer coisa. Ouvindo com muita atenção está, à esquerda, o australiano «Bluey» Hill, primeiro assistente do diretor nos estúdios da London Film. Hill já foi salva-vidas na praia de Nanly.



Esta que está ao centro é a formosa Margaret Lockwood, estrêla do filme «Trent's Last Case», produção de Herber Wilcox, com Orson Welles (de óculos) e Michael Wilding. Todos estão discutindo e acertando o argumento do filme antes de redar qualquer cena.

A CENA Noturna

O NU ARTÍSTICO

Por LEONEL ARAUJO

AS mulheres começaram adornando-se e acabaram vestindo-se. A maior descoberta do gênio feminino surgiu, como todas as coisas grandes e simples, por acaso. Tranqüilizem-se os espíritos púdicos: o segrêdo à elegância paradisíaca não se dará hoje, por mais convincente que isso pareça aos costumes. Pernas de fora, seios descobertos, Luz Del Fuego passearia galantemente à beira de qualquer palco, se o falso moralismo da censura o permitisse. Isso só faria para mexer com os homens que não podem ver essas coisas, sem que a vista se escureça. Doutro modo, não deixaria jamais de vestir-se, para vencer os fortes. Enquanto em muitas outras mulheres, existe a vantagem terrível de disfarçar, com uns bocados de pano, umas pernas tortas, ou uns seios inestéticos, com Luz Del Fuego, tal não acontece.

Enfim, tudo anda errado neste Brasil. Deveríamos deixar livre tudo aquilo que é belo, de natureza; não deveríamos deixar por isto ou por aquilo, de mostrar aos olhos dos basbaques, dos religiosos ou irreligiosos, dos ateus, dos fetichistas, ou mesmo dos macumbeiros da terra, essas belas coisas profanas que nos deixassem a todos com a possibilidade artística de julgar o Belo, o nu artístico, sem malícia e sem **fiu...fius**...

FIRA A QUEM FERIR

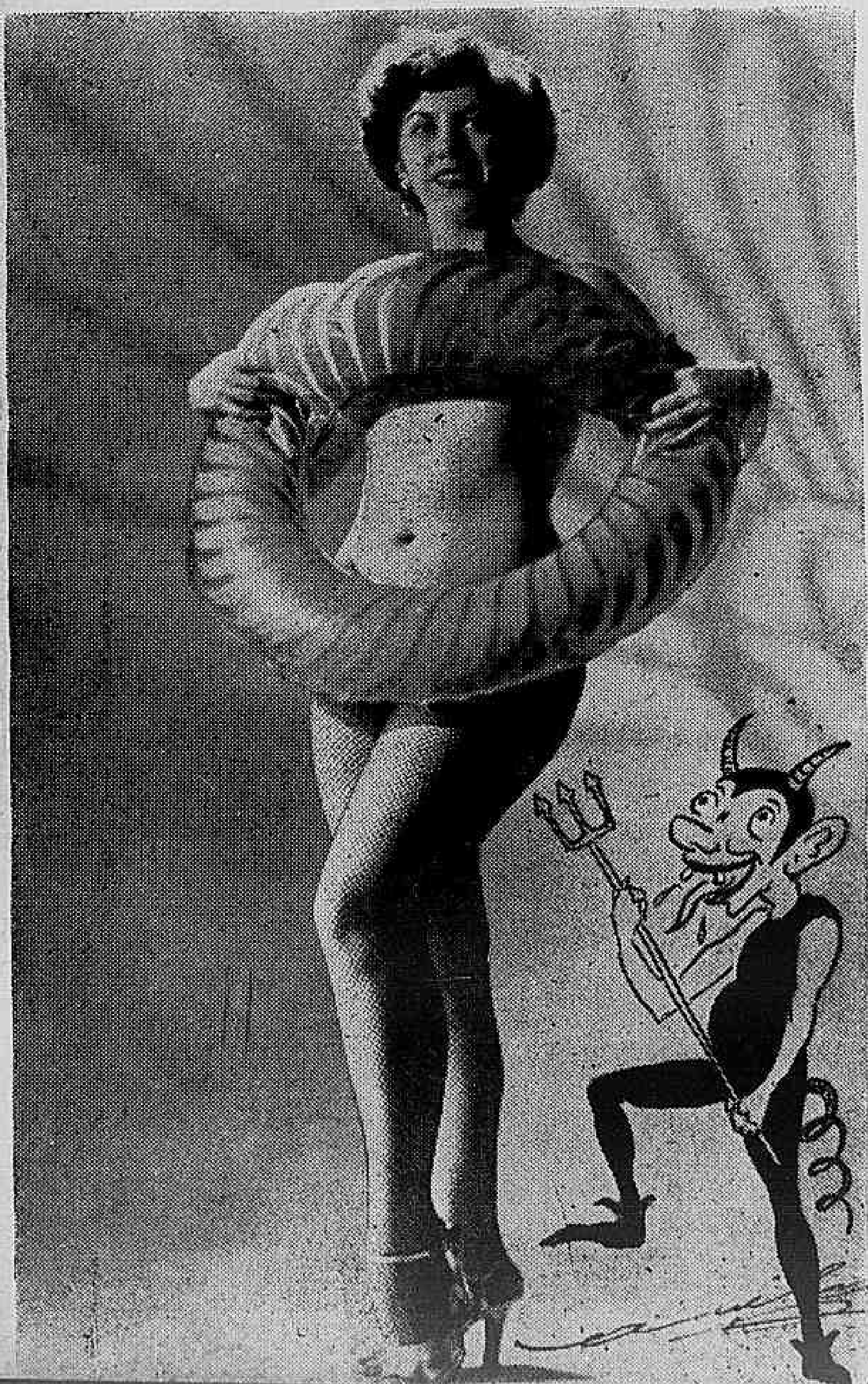
— Tivemos informações seguras de que certos elementos do SERVIÇO NACIONAL DO TEATRO, principalmente elementos femininos de côr, andam colocando já tarde da noite, nos jardins adjacentes à Biblioteca Nacional, "despachos", "sapos", "farofas", e outros "serviços" referentes à "macumba braba". E' pena que o Padilha já não ande mais por aí...



Elba Lima, da boite Flair



Araçari, dançarina da boite Casablanca



Jeana D'Arc, que atua com muito êxito em nossos conjuntos teatrais. Alta, morena e simpática

N O T I C I Á R I O

— CASABLANCA continua com **sucesso** em "Divertissement" um show diferente, sob a direção de Ari Barroso. **Está de parabéns** a "boite" da **Praia Vermelha**.

— NIGHT AND DAY com a saída de **JOSEPHINE BAKER**, apresenta um "show" de Fernando Lôbo e **Paulo Soledad, intitulado** "Êste mundo é uma bola".

— ACAPULCO apresenta ainda o **Ballet** Valdo, com a saída de Leo Marini. **A afluência** piora dia a dia...

— MONTE CARLO está apresentando no momento com Teófilo de Vasconcelos, um "show" diferente, turfístico, em virtude da aproximação do "Sweepstake". Espera-se que "Segredos de Paris" retorne à cena após êsse acontecimento grandemente esperado pelos cariocas, principalmente.

— VOGUE apresenta a simpática Josephine Premice.

— COPACABANA reabriu o "show do "Golden Room" com o Ballet Bluebell. Foi um autêntico sucesso por sua originalidade. Belas bailarinas com perfeito senso profissional e um ótimo guarda-roupa. Monique Tibaud é a cantora do "show" que apesar de não ser ótima no seu gênero, também agrada.

— Dercy Gonçalves é fã de Mara Rúbia. Há bem pouco tempo, indiscretamente. ouvimos elogios que tecia a respeito das críticas favoráveis de que foi alvo pelos jornalistas portuguêses.

— RANCHINHO E ALVARENGA, a interessante "boite" da conhecida dupla, **está** no momento sendo animado pelo magnífico cômico "COLÉ", em virtude da ausência dos seus donos que se acham a **negócio em** São Paulo.

Odete Fabrizi, da boite Casab'anca



A CENA MUSICAL

por Cla-ri-bal-te Pas-sos

RECITAL DE ALFRED CORTOT



A julgar pelo aspecto da sala, todos aquêles que compareceram ao recital do mestre Alfred Cortot, ali foram, inegàvelmente, reverenciar a um passado de glórias! Sim, esta foi a nossa sincera impressão, pois ninguém exigiria agora do renomado "virtuose" francês u'a mostra técnico-artística irrepreensível. A idade muito avançada, os dissabores da guerra, além de outras circunstâncias à parte do sentido dêste comentário, explicam perfeitamente essa nobre atitude do público carioca no ensejo dessa apresentação. Cabe, igualmente, uma palavra de simpatia ao representante no Brasil da "Organización de Conciertos Iriberri", de Buenos Aires, promovendo a vinda dêsse artista ao nosso país a fim de que lhe fôssem tributadas justificadas e merecidas homenagens. Referimo-nos, aqui, ao segundo recital do famoso pianista. Embora brindando-nos com um programa eclético, integrado por páginas de Félix Mendelssohn, Franz Schubert, Karl Maria von Weber, Fréderico Chopin, Robert Schumann, e o romântico Franz Liszt, tivemos alguns momentos de incontida melancolia, observando a ausência de recursos de mecanismo e vigorosa expressão no tratamento pianístico dispensado por Cortot para com algumas dessas obras. Se nas "Cenas Infantis" do autor de Kreisleriana" fêz-nos viver momentos de autêntica poesia, numa perfeita comunhão sentimental entre o compositor e o recitalista, pela transcrição admirável do atormentado e sensibilíssimo Schumann, — por outro lado deixou-nos vivamente apreensivos quando executava a "Polonaise Heróica, em lá bemol" de Chopin, ou a "Segunda Rapsódia Húngara" de Franz Liszt. A inclemência dos anos, a ausência de juventude física, fizeram diminuir a categoria de um artista "hors ligne" que sempre caracterizou a personalidade de Alfred Cortot. E, por essa mesma razão, as interpretações pianísticas do mestre gaulês mostraram-se eivadas de altos e baixos no curso de todo o recital aqui analisado. No entanto, algumas dessas páginas lograram rendimento técnico ainda muito satisfatório e, de certa maneira, comovente. E' o caso, a exemplo, de "Convite à Valsa" de Karl Weber, cujas soluções estéticas foram valorizadas por Cortot através de profundo interêsse e uma poesia quase íntima. Das obras chopinianas que executou, apenas "Noturno em mi bemol", "Valsa em sol bemol" e a "Tarantela", obtiveram tratamento adequado. A "Rapsódia Húngara Nº 2" faltou, a nosso vêr, acabamento preciso e burilado e aquelas sonoridades sombrias e vigorosas tão ao gôsto do talento musical de Liszt. Em suma, para ouvir um artista de tão glorioso passado valeu a pena comparecer ao Teatro Municipal, ressalvados aqui, necessàriamente, os senões técnicos.

C. P.

CULTURA ARTÍSTICA DO RIO DE JANEIRO

● Além do pianista Alfred Cortot, a Cultura Artística do Rio de Janeiro ofereceu aos seus associados, no Teatro Municipal, um recital do consagrado violinista Henrik Szeryng, em data de 23 do corrente. Noutro ensejo analisaremos, nesta coluna, a exibição dêsse artista.

ANIVERSARIO DE FUNDAÇÃO DA O. S. B.

● A Orquestra Sinfônica Brasileira festejou, a 11 de julho, mais um ano de existência no vitorioso e árduo caminho de divulgação da música erudita em nosso país. Vale lembrar, nesta oportunidade, o incentivo da imprensa especializada carioca a tão nobre empreendimento, assim como a dedicação de um grupo de bravos instrumentistas liderados pelo inesquecível maestro Engéne Szenkar (atualmente na Alemanha) e do brasileiro José Siqueira. **CENA MUDA** solidariza-se, igualmente, com todos aquêles que lutam pela sobrevivência e progresso ascendente dessa organização hoje um patrimônio artístico da nação.

WALTER GIESEKING, NA A. B. C.

● Após a apresentação cem por cento triunfal do consagrado violinista Zino Francescatti, cujo recital de estréia aqui analisamos há dias, a "Associação Brasileira de Concertos" ofereceu-nos, recentemente, dois ótimos recitais do eminente pianista Walter Gieseking.

REELEITA A DIRETORIA DA A. B. C. T.

● Na última sessão extraordinária do Conselho da "Associação Brasileira de Críticos Teatrais", realizada na ABI, foi reeleita para o período de 31 de julho de 1952 a 31 de julho de 1954, a Diretoria da ABCT assim integrada: Presidente-Augusto Lopes Gonçalves; vice-presidente Gustavo Dória; Secretário-Lúcio Fiuza; Sub-secretário-Claribalde Passos; tesoureiro-Paulo Orlando; sub-tesoureiro-Agnello Macêdo; e bibliotecário-Astério de Campos.

NOTICIÁRIO

IGOR MARKEVITCH-MAGDALENA TAGLIAFERRO

● Em data de 19 do corrente, realizou-se no Teatro Municipal, mais um memorável concêrto da Orquestra Sinfônica Brasileira para os sócios, no curso da temperada de 1952. Apresentou-se pela primeira vez, ao público carioca, o regente russo Igor Markevitch, hoje radicado nos Estàdos Unidos, tendo como solista do "Concêrto nº 1" de Johannes Brahms, para piano e orquestra, a eminente "virtuose" do teclado Magdalena Tagliaferro. Oportunamente, comentaremos o referido concêrto.



MUNDO FONOGRÁFICO

NOVO SUCESSO DE

VÉRA LÚCIA



OS vitoriosos autores de "Maria Candelária", marcha revolucionária do último tríduo de Momo, compositores Armando Cavalcanti e Klécius Caldas acabam de lançar outras novidades no mundo da fonografia. Uma delas, digna do aprêço dos fãs do disco, é o bonito samba "Verdadeira Razão" levado à cêra na "Odeon" pela cantora patrícia Véra Lúcia. Também, "Amei demais" melodia dos mesmos autores, foi gravada na mencionada etiquêta e por idêntica intérprete. Há vários anos, Armando e Kléclus vêm conquistando os mais assinalados triunfos no meio artístico carioca, apresentando ótimas composições populares. Aliás, é mister analisar aqui determinadas circunstâncias que a nosso vêr, explicam tantos e constantes êxitos dêsses autores. Uma delas, concerne aos cuidados textos literários de suas composições, onde não só a expressão romântica tem particular relêvo, mas, sobretudo a beleza melódica impõe alta classe aos seus lançamentos no âmbito da música popular brasileira. Para deleite dos fãs, damos abaixo a letra do samba "Amei demais".

AMEI DEMAIS
(samba)
Armando Cavalcanti-Klécius Caldas
— Gravação "Odeon" por Véra Lúcia

I

Amar assim
Eu não quero mais
Pobre de mim amei demais
P'ra uns o amor é doçura
P'ra mim foi amargura
Pobre de mim amei demais.

II

Eu tive na vida uma amor profundo
Por êle fiz tudo neste mundo
Mas fui desprezada
Já fui não sou mais
Sofri resignada
Por amar, amar demais.

★

Estamos seguramente informados que, da autoria dessa temível dupla, a cantora e "estrêla" da Rádio Nacional Heleninha Costa acaba de gravar em disco "Victor" um baião realmente notável e credor de futura popularidade. Numa audição especial, feita para o redator desta coluna pelos alud'dos compositores, tivemos ocasião de apreciar a belíssima melodia e a letra muito significativa no seu cunho regionalista. Os fãs do disco vão ficar realmente surpreendidos.

C. P.

NOTICIÁRIO

MODERNA FABRICA DE "LONG-PLAYING"

● Após várias tentativas e entendimentos o sr. Ovídio Grotéra acaba de instalar, na cidade de Petrópolis, no Estado do Rio, uma fábrica gravadora destinada ao lançamento exclusivo de "long-playing". Para tanto, fo conseguida a necessária licença para importar a matéria prima indispensável — a vinilite de fabrico nacional — da melhor qualidade. Embora muito mais dispendiosa do que a similar, norte-americana, afirmou-nos o sr. Ovídio Grotéra que venderá os futuros discos em "long-playing" ao preço de Cr$ 100,00 (cem cruzeiros). Atualmente, tais exemplares em discos, estão sendo vendidos ao preço de Cr$ 180,00.

PARADA DE SUCESSOS

● Damos hoje, para conhecimento dos fãs, uma relação precisa dos verdadeiros sucessos nacionais e estrangeiros em discos: 1º) — "Jezebel", melodia de **Shanklin, em** gravação "Continental" por Jorge Goulart; 2º) — "Bom dia Mr. Eco" fox de Bill e Belinda Putman, gravação "Continental" pelo Trio Madrigal; 3º) — "Meu coração é seu" melodia de Richard Rodgers, em versão brasileira gravada na "Sinter" por Zezé Gongaga; 4º) — "No Crepúsculo" (At Sundown) melodia de Donaldson, em disco "Star" pelo citarista patrício H. Avena de Castro; 5º) — "Jezebel", por Fank Laine, em disco "Columbia"; 6º) — "Coquette" pelo já famoso Frank Petty Trio, em disco da MGM; 7º) — "Quantas Vêzes" samba de Peterpan, em disco da "Todamerica" por Dóris Monteiro; 8º) — "Mundo Cego" samba de Chocolate e Ricardo Galeno, em sêlo "Odeon" por Dircinha Batista; 9º) — "Vergonha" samba de Jair Amorim, disco "Victor" por Carlos Galhardo; e 10º) — "Mora no assunto" (samba) gravação em disco "Sinter" por Jamelão.



GRANDE SUCESSO EM DISCO NACIONAL



● E' deveras animador o êxito atual da gravação da melodia de Mário Gennari Filho, o já popularíssimo "Baião Caçula", em etiquêta "Odeon". Essa mesma composição acaba de ser lançada pelo excelente violonista Garôto, e pela cantora de rádio de São Paulo Hebe Camargo, ambas obtendo idêntico sucesso.



Os criadores de «Madame Butterfly», marcha de Ricardo Galeno e Jair Amorim, escutam a personalíssima Linda Batista

Rentrée da FAMOSA DUPLA RADIOFÔNICA

JOEL e GAÚCHO

ESTRÉIA AO MICROFONE DA RÁDIO NACIONAL ATRAVÉS DO PROGRAMA "GENTE QUE BRILHA, DE PAULO ROBERTO — AS SAUDADES DOS FÃS — SUCESSOS DE ONTEM E DE HOJE — REPORTAGEM ESPECIAL PARA "CENA MUDA" — NOTAS

Texto de DAN DARLEY

O público do rádio é igualzinho a um termômetro. Prevê, antecipadamente a "temperatura" do ambiente, e por isso mesmo começou a temer pelo futuro da consagrada dupla **Joél & Gaúcho** criadora de tão numerosos sucessos carnavalescos de outros tempos. Eram amigos inseparáveis — comentava-se nos bares e cafés da Cinelândia — mas, havia qualquer coisa entre êles que não estava **afinando** bem... Urgia, pois uma imediata pesquisa. Começaram a circular boatos, aqui e acolá, todos êles extravazando otimismo e satisfação pela possível "rentrée" da dupla. Não demorou muito a chegar a noite triunfal, o momento tantas vêzes desejado por êsses artistas, vindo o assunto a ser ventilado oficialmente através da imprensa especializada.

A ESTRÉIA

As primeiras notícias da volta à atividade radiofônica da dupla Joél & Gaúcho deixou em polvorosa o meio artístico e musical da Capital da República. Ninguém escondia a curiosidade, ou a mais intensa expectativa, buscando auscultar outras impressões em tôrno do programa inaugural. Quando os jornais anunciaram a estréia no vitorioso programa "Gente Que Brilha", uma produção hoje famosa no Brasil inteiro, cujo responsável é Paulo Roberto, então dissiparam-se as dúvidas. A dupla ditadora de sucessos musicais ia mesmo retornar às hertzianas! Os próprios artistas, embora veteranos do rádio brasileiro, não conseguiam esconder o entusiasmo e a emoção diante da oportunidade de rever o público acolhedor e querido.

NO PALCO DA NACIONAL

Os fãs conservam, lealmente, as suas preferências musicais e radiofônicas. E, por isso mesmo, quando da estréia de Joél & Gaúcho não lhes faltou com os frementes aplausos e o necessário incentivo. Era como nos tempos de outrora, revivendo a alegria contagiante da fase de Momo, entre o compasso vivo das marchinhas e o odor dos lança-perfumes! O gigantesco auditório da PRE-8 foi pequeno para conter a massa de admiradores, colegas, e amigos incondicionais da dupla. Tudo correu maravilhosamente e foram recompensados os que esperaram, os descrentes, ou aquêles que já anunciavam o desaparecimento de "El Plaquito" e seu inseparável amigo Gaúcho.

NOVIDADES EM DISCOS

Os discófilos de todo o país estão ainda lembrados do último sucesso da dupla Joél & Gaúcho — aquela bonita marcinha de Jair Amorim e Ricardo Galeno — "Madame Butterfly", uma das primeiras melodias dêsse gênero a iniciar as atividades carnavalescas de 1952. Tudo fazia crêr, até então, que os dois artistas não se separassem mais e outras novidades viessem reforçar o cabedal de sucessos musicais. Todavia, houve um período de calmaria. Ambos sumiram, como por encanto, após um brusco reaparecimento ao microfone da Mayrink Veiga e uma temporada em São Paulo. No entanto, Joél o responsável pela subsistência artística da dupla não se descuidou. Conseguiu aprimorar o repertório e aí estão êles, novamente juntos, a fim de brindar a todos nós seus amigos e admiradores com as melhores novidades populares. Assim, para muito breve os astros exclusivos da gravadora "Todamerica" vão oferecer aos fãs novos discos, procurando selecionar, antecipadamente, grandes melodias.

DESPEDIDA

Após o término da audição de estréia de Joél & Gaúcho, ao microfone da Nacional, o nosso redator especializado teve oportunidade de ir abraçá-los e formular votos de uma profícua e vitoriosa atividade na mais famosa emissora do país. Gratos e sinceros que sempre foram, à imprensa especializada de qualquer recanto do Brasil, os dois artistas pediram-nos transmitir u'a mensagem de estima e gratidão a todos os fãs através das colunas de **CENA MUDA**. Aguardem, pois, o lançamento das próximas gravações de Joél & Gaúcho na prestigiosa etiquêta "Todamerica".



A dupla Joel & Gaúcho confraterniza, aqui, com Paulo Roberto o talentoso produtor de «Gente Que Brilha» ao microfone da PRE-8



Após a estréia sensacional, a dupla festejada com Paulo Roberto, não escondendo o grande júbilo pelo êxito conquistado perante a massa de fãs

Jazz em Cena

RAMALHO NETO



HÁ 52 anos passados, num dia 4 de julho, numa das ruas mais pobres de um bairro habitado por negros em New Orleans, o chôro de uma criança ecoou por tôda a vizinhança; um chôro forte como um agudo de um piston desafinado. Ali, o nascimento de uma criança, longe de ser um motivo de regosijo, era mais uma razão para aumentar o rosário de lamentações tanto por parte dos moradores da redondeza, que viam no recém-nascido mais um ser fadado a sofrer, e enquanto criança, sem dúvida iria fazer arruaças em frente a suas casas, como também para os próprios pais, que na sua miséria não sabiam de que maneira iriam alimentar e criar aquela pequena criatura que recebeu o nome de Daniel Louis Armstrong, hoje considerado o "Rei do Jazz", que o grande comentarista francês Hughes Panassié, definiu positivamente como "um dos mais extraordinários gêneros criadores que a música já conheceu".

Sua infância foi incerta e cheia de pobreza, sendo criado no mais completo abandono, pois seu pai, operário de uma indústria de terebentina, mal ganhava para uma única refeição da família, e sua mãe, empregada doméstica, não podia dar uma assistência mais completa a seu filho. Os pais de Louis, separaram-se quando êste contava apenas 5 anos de idade, e como nestes casos os filhos são os maiores prejudicados. Louis cresceu no mais completo desamparo moral e material. Com a idade de 11 anos, casualmente escutou a Bunk Johnson, um dos maiores trumpetistas daquela época, o que muito o impressionou. Pouco mais tarde, em companhia de alguns amigos, quando saia de uma festa, Louis empunhando um revólver, começou a disparar em plena rua, embora sem graves conseqüências, esta brincadeira de mau gôsto, lhe proporcionou alguns anos de reclusão no reformatório para menores desamparados. Ali, êle teve a oportunidade de estudar música e aprender a difícil arte de soprar um piston. Quando saíu, tocou em diversos cafés e "cabarets" de New Orleans, até que recebeu um convite para atuar com o conjunto de King Oliver em Chicago. Ficou com esta banda por dois anos (1922-24), passando-se depois para a orquestra de Fletcher Henderson em New York até fins de 1924. De volta a Chicago em 1925, tocou com Erskine Tate e Carrol Dickerson em 1926.

Louis, além de ser pistonista há muitos anos, vem sendo apontado como um dos melhores cantores de jazz. Possuindo uma voz rouca e um estilo pessoal de interpretação desde o "swing" até ao mais triste e melancólico "blue", é também o criador do estilo "scat". Por volta de 1926, gravando certa melodia famosa, chegado o momento de substituir a trompa pelo canto, Armstrong percebeu que se esquecera do papel onde estava escrita a letra. Mas seu embaraço durou pouco mais de um segundo; com grande presença de espírito, pôs-se a cantar improvisando vocalizações sôbre sílabas sôltas, sem sentido, o que recebeu o nome de "scat".

Os anos de 1926 a 32 são cheios de altos e baixos para a vida americana e para o jazz também. Nascem novas escolas, e, além disso o jazz encontra grande concorrente nas orquestras do estilo chamado jazz-sinfônico. Surge Bing Crosby e Paul Whiteman, e a nação entra na fase mais triste de sua história econômica. Em meio a grande agitação que abalava o país de costa a costa, o jazz se arrastava penosamente. Apesar de tudo, Louis continua a brilhar. Toca, toca sempre, às vêzes, em condições impossíveis, mas tanto êle como o jazz, precisavam sobreviver. Na última noite do ano de 1931, em Baltimore, apresenta-se no teatro, embora seus lábios estejam inchados e partidos. Inicia o "show" com "Them There Eyes", melodia que exige grande técnica, sob os olhares ansiosos dos companheiros e amigos: poderá agüentar, chegará ao fim? Mas do piston de Louis, as notas vão saindo precisas, cristalinas e mágicas. Êle sua e está têso, esticado como a pele de um tambor. Num poderoso esfôrço consegue chegar ao fim, ao seu impressionante e inconfundível fá maior. No palco, as luzes foram apagadas para que o público não visse que os músicos estavam chorando, enquanto a platéia explodia em delirantes aplausos. Os refletores são novamente acesos, e Louis com os olhos cheios d'água e os lábios riscados pelo sangue, se inclina para agradecer.

Em 1932 realiza a sua primeira tournée pela Europa. Se exibe no "London's Palladium"; entre os espectadores está o Rei da Inglaterra, George V, que foi levar o seu aplauso a Armstrong. Visita diversos outros países, e, em todos é recebido com entusiasmo. Seu nome estava definitivamente consagrado. Ao regressar aos Estados Unidos organiza sua própria orquestra. Tomou parte em inúmeros filmes, entre os quais "Pennies From Heaven", "Artists and Models", "Every Day's a holyday", "Going Places", "Gabin in the sky", "Pillow to Posto", "New Orleans", "A Song is born" e recentemente "The Strip". Grava com exclusividade no momento para a Decca. Entre as suas composições destacam-se: "Where Did You Stay Last Night", "Stchel Mount Swing", "I've Got a Heart Full of Rhythm", "Wild Man Blues", "If We Never Meet Again", "Sugar Foot Stomp" e "No Variety Blues". Gravações mais importantes: — "Savoy Blues", "West And Blues", "Wild Man Blues", "Armstrong Hot Five" e "Hot Seven" (Okeh e Columbia, 1926-27), "Shine", com Les Hite (Okeh, 1930), "Mahogany Hall Stomp", "St. Louis Blues", "That's my hohe", (Victor, 1933-34), "Sunny Side of The Street", "Monday Date" (Decca, 1936), "Perdido Street Blues" (Decca 1940), "Back O'town Blues", "Confessin", "Tea For Two" (V Disc), "Sugar", Ain't Misbehavin", (RCA Victor, 1947-49) e, finalmente, "When your lover has gone" para a Jolly Roger que na opinião de "Jazz em Cena" é uma das melhores gravações de Armstrong.

Louis completou dia 4 p.p. 52 anos; nós daqui desejamos que o piston do Rei do Jazz seja ouvido ainda por muitos anos, e temos a certeza de que o seu colega, o arcânjo Gabriel, lá do céu estará olhando por Louis Armstrong, a maior figura do jazz de todos os tempos.

AOS LEITORES

Conforme noticiamos em alguns números passados, esta secção terá grande prazer em atender aos pedidos de letras e tudo que se relacione com a música americana. Temos recebido inúmeras cartas que começarão a ser atendidas da próxima semana em diante. Cartas para "Jazz em Cena", Ramalho Neto, Redação de A Cena Muda, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.



PATRÍCIA LACERDA

ARTISTA POR HEREDITARIEDADE — BELA E TALENTOSA, É UMA DAS GRANDES ESPERANÇAS DO CINEMA NACIONAL

De OSIRIS FIGUEIROA

A Flama Cinematográfica já havia iniciado as filmagens de "Com o Diabo no Corpo" e ainda não tinha conseguido uma artista para o principal papel feminino, pois desejava apresentar uma nova "estrêla". Os componentes da equipe técnica foram encarregados, então, de levar àquela produtora, uma jovem que reunisse em si: beleza, talento e fotogenia. Vieram moças de todos os cantos da Cidade Maravilhosa, e fizeram os testes, porém não aprovaram. Umas por lhes faltar talento, outras, fotogenia, enquanto outras — "it". Mas, quiz o destino, que fôsse o assistente de direção de Mário del Rio, o jovem Raimundo Hygino que, ao sair dos Estúdios da Flama, em Laranjeiras, encontrasse no edifício ao lado, parada à espera de uma amiga, a encantadora Patrícia Lacerda. Ao ver aquêle palminho de rosto, deslumbrante, formado por dois olhos negros e resplandescentes, uns lábios rubros e sensuais, uma cútis branca com um leve tom amorenado, e emoldurado por uns longos cabelos castanhos claros, Raimundo aproximouse e, com seu cavalheirismo, perguntou-lhe se tinha vontade de conhecer um estúdio cinematográfico. Patrícia, de início, relutou, mas animada pelas descrições de Raimundo, acedeu ao convite. Patrícia, porém, naquele dia, não viu o estúdio, pois Raimundo levou-a à presença de Mário del Rio, e apresentou-a como candidata a "estrêla" do celulóide que estava sendo rodado. Isso foi um choque para a jovem, mas com o seu modo desembaraçado, Patrícia aceitou em fazer o teste, e aí os leitores já sabem o que sucedeu.

Para Patrícia isso foi deslumbrante, pois ela, no esplendor dos seus dezoito anos, entrava para a sétima arte como "estrêla" principal de um filme, onde iria contracenar com o conhecido galã-cômico Luís Delfino. Mas para a mãe dela foi um abalo tremendo, pois não desejava que sua filha entrasse para as artes com tão pouca idade, mesmo porque considerava que Patrícia não tivesse talento suficiente para responsabilizar-se por uma tão importante interpretação. Porém o "coração de mãe" enganou-se desta vez, pois Mário del Rio confessou-lhe que Patrícia era um assombro de artista.

Diante dessas notícias, fomos ao encontro de Patrícia Lacerda, em seu confortável apartamento nas Laranjeiras, onde nos acolheu com um maravilhoso sorriso. Em seguida começamos a palestrar:

— Conte-nos sua vida, desde que nasceu...

— Vim ao mundo no dia 10 de março de 1934. Minha mãe diz-me que nasci assombrosamente feia, parecendo até um ratinho branco, mas com 1 ano, já me mostrava grande e robusta...

— E com o passar do tempo foi embelezando, até que, com dezoito anos, é a formosura personificada... — interceptamos.

Patrícia, com um sorriso que lhe caracteriza, agradeceu-nos, e continuamos:

— Sonhava com o "estrelato"?

Há alguns anos atrás, como tôda a menina, tinha verdadeira paixão pelas artes, e sonhava ingressar numa delas. Mas depois, com o cepticismo dos que me rodeavam, convenci-me de que não realizaria êsse meu desejo.

— Alguma vez dedicou-se a uma das artes?

— No internato, onde passei alguns anos de minha infância, sempre representei nas peças que se apresentavam no colégio e, onde eu procurava fazer papéis importantes. Minha irmã e eu eramos as ensaiadoras. Sentia-me satisfeita com minhas representações.

— Seu verdadeiro nome é Patrícia Lacerda?

— Não. Chamo-me Ana Maria Coelho Neto Lacerda, mas por ser muito extenso, abreviei para Patrícia Lacerda.

— Então você é neta do grande escritor Henrique Coelho Neto, o criador da Escola de Arte Dramática da Prefeitura, onde foi, também, diretor?

— Sim, mas agora que entrei para a cinematografia não desejo usufruir o prestígio de que gozava o meu avô, pois considero que o esfôrço do artista para se tornar conhecido, valoriza-o muito, e isso é o que pretendo fazer.

— Vemos que sua arte é hereditária... Por isso, diga-nos se em sua família existem outros artistas.

— Sim. Minha mãe foi cantora de canções populares. Trabalhava com o nome de Maria Cecília. Atuou em várias estações aqui do Rio, atuando por mais tempo na Rádio Nacional. Minhas tias, Zita e Violeta, grandes artistas — uma dramática e outra lírica.

— O sangue que corre em suas veias, é de artistas, assim gostaríamos de saber qual a sua emoção ao ver-se pela primeira vez, diante de uma câmera cinematográfica.

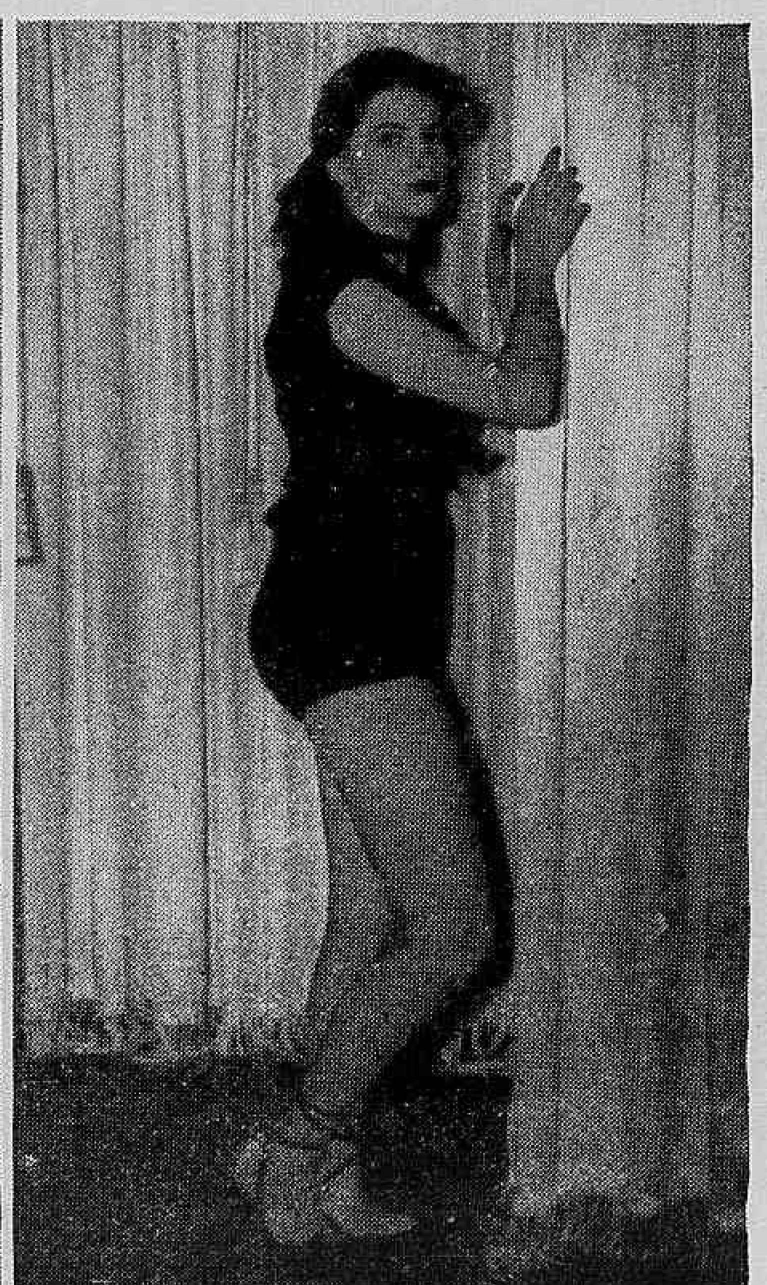
Confesso que na primeira vez que enfrentei a câmera, minha tensão nervosa chegou ao auge, tendo que repetir muitíssimas vêzes a cena. Daí para diante, reagi e me conservei calma, tendo repetido muito



Embora eleita estrêla de nosso firmamento cinematográfico, Patrícia sabe temperar a panela



Que foi que lhe fizeram, que a linda estrêla ficou tão sisuda? Perdera nas corridas?



Mas, que é isso menina? Bispando as coisas por detrás das cortinas? Não! Ouvia o fotógrafo



Patrícia gosta muito de clássicos, mas não despreza nossa música popular. Ouve o baião



Ela mesma costuma arranjar seu dormitório, e logo que desperta, recompõe o leito, cuidadosamente



Uma artista tem que estar em dia com o mundo. Por isso nossa linda Patrícia lê atentamente

poucas vêzes, e dessas, muitas por diversas razões alheias ao meu trabalho. Esforcei-me tanto para fazer tudo perfeito, que o senhor Alinor, autor do "script", dizia sempre: "confio cegamente em Patrícia" e essas palavras encorajavam-me mais ainda, e mais e mais eu me esforçava para dar maior realismo ao meu trabalho.

Patrícia pára, pensa, como se estivesse analisando o que iria dizer, e continua:

— O senhor Mário Del Rio exige tanta realidade nas cenas, que uma delas, em que eu aparecia com um brinco em feitio de estrêla, requeria que eu fôsse esbofeteada pelo galã e, acreditem, que o senhor Mário del Rio fêz repetir tantas vêzes, que o brinco era atingido pelas bofetadas, lanhando-me o rosto que, afinal, ficou sangrando.

Nessa altura, Patrícia pediu-nos licença e retirou-se para o interior do apartamento, conseguindo o fotógrafo captar um flagrante de Patrícia demonstrando seus grandes dotes culinários, quando nos preparava uma merenda.

Depois de saborearmos o gostoso creme, inqüirimos de Patrícia se ela já tinha recebido alguma proposta para fazer um novo filme.

— Sim, espero assinar, ainda êste mês, um novo contrato com a Flama, para "estrelar" a película "Rua sem Sol", onde farei o papel de uma cega. O resto não poderei declarar, é surprêsa.

— Que cega maravilhosa sairá daí! — Observamos.

E como sempre que lhe dirigiamos um elogio, Patrícia agradecia-nos com um fascinante sorriso.

— Agora, nossa última pergunta: Que achou da nova vida?

Como nas perguntas anteriores, Patrícia responde-nos essa, sem hesitações:

— Afirmo ser um pouco atribulada; não se tem hora para almoçar, nem jantar, nem dormir, porém confesso ser muito atraente e divertida. E, para os fãs de cinema eu quero declarar que tudo fiz para pro-

(*Cont. na pág.* 34)



Depois de um dia afanoso, ela dorme sonhando com... os anjos. Há sinceridade, sim.

HAROLDO EIRAS, UM VALOR

DA NOVA GERAÇÃO DE COMPOSITORES

De **R. NETO**



Uma das coisas mais deliciosas da vida é, sem dúvida alguma, a surprêsa. Não a surprêsa de um bonito presente, um encontro casual, ou de telefonema não esperado, tôdas estas também são agradáveis; mas, nos referimos a uma surprêsa mais íntima, mais individual, vamos dizer. Aquela que vem de nós para nós, num repente, de um momento para o outro.

Isto que acontece comumente a todos, também aconteceu a Haroldo Eiras, cantor de melodias norte-americanas que, de um momento para outro, viu-se transformado em um dos mais aplaudidos e comentados compositores do país.

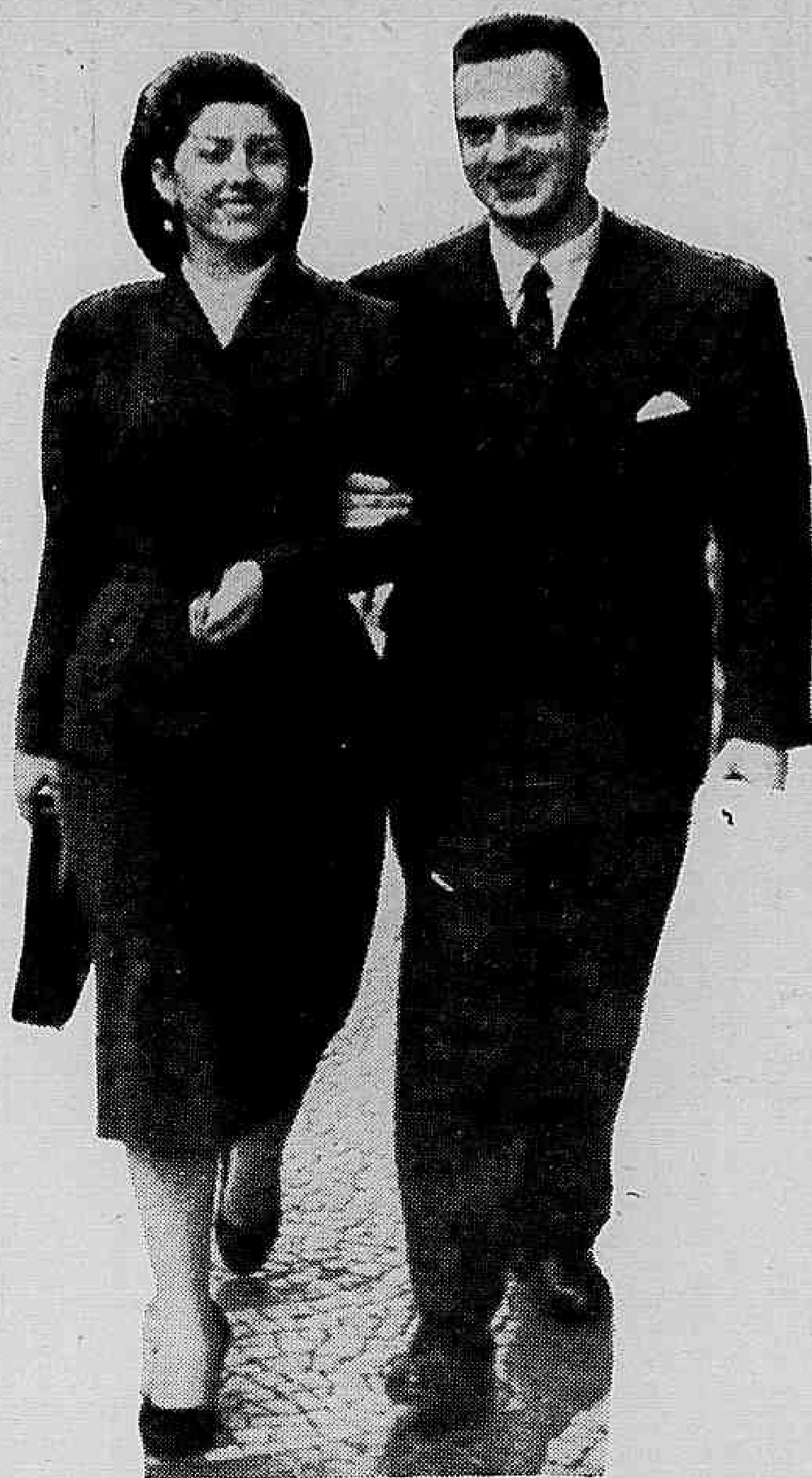
Encontrava-se Haroldo Eiras e o cantor Francisco Carlos em uma festa, ou melhor, numa pequena reunião com algumas pessoas amigas, quando, despreocupadamente, Haroldo sentou-se ao piano e começou a tirar algumas harmoniosas notas que formavam linda melodia. A admiração foi geral. Nascia naquele momento um novo compositor.

Haroldo Eiras, começou sua carreira artística a cantar foxes, com aquelas entonações à Bing Crosby, que faziam que os ponteiros dos mostradores dos rádios de seus fãs, corressem rápidos em busca da estação em que os programas de Eiras eram apresentados. Como a maioria das pessoas que possuem alguma inclinação para a música, desde criança sonhava com o microfone e seu interêsse se foi ativado quando começou a se apresentar com freqüência no programa "Picolino", de Barbosa Júnior. Sua carreira artística propriamente dita, sòmente teve início na antiga Rádio Ipanema, hoje modernamente instalada no segundo andar do Ministério do Trabalho com o nome de Mauá. Haroldo, foi-se projetando em nosso meio radiofônico e passou a ser assediado por inúmeras emissoras, anciosas de terem em seu quadro artístico um nome, que, por si só, garantia um maior índice de ouvintes e anunciantes àvidos por patrociná-lo. Tentando satisfazer a tôdas, à medida que seus contratos terminavam, ia mudando de prefixo, tendo, assim, a oportunidade de se apresentar aos microfones da Rádio Cruzeiro do Sul, Globo, Mayrink Veiga e Nacional, esta última por três temporadas. Tornava-se de dia para dia um dos melhores intérpretes de músicas vindas de Tio Sam. Seu nome, era anunciado em nossas "boites" como atração máxima. Mas, seus estudos não mais permitiram que se dedicasse inteiramente à sua arte, obrigando-o a abandonar o microfone.

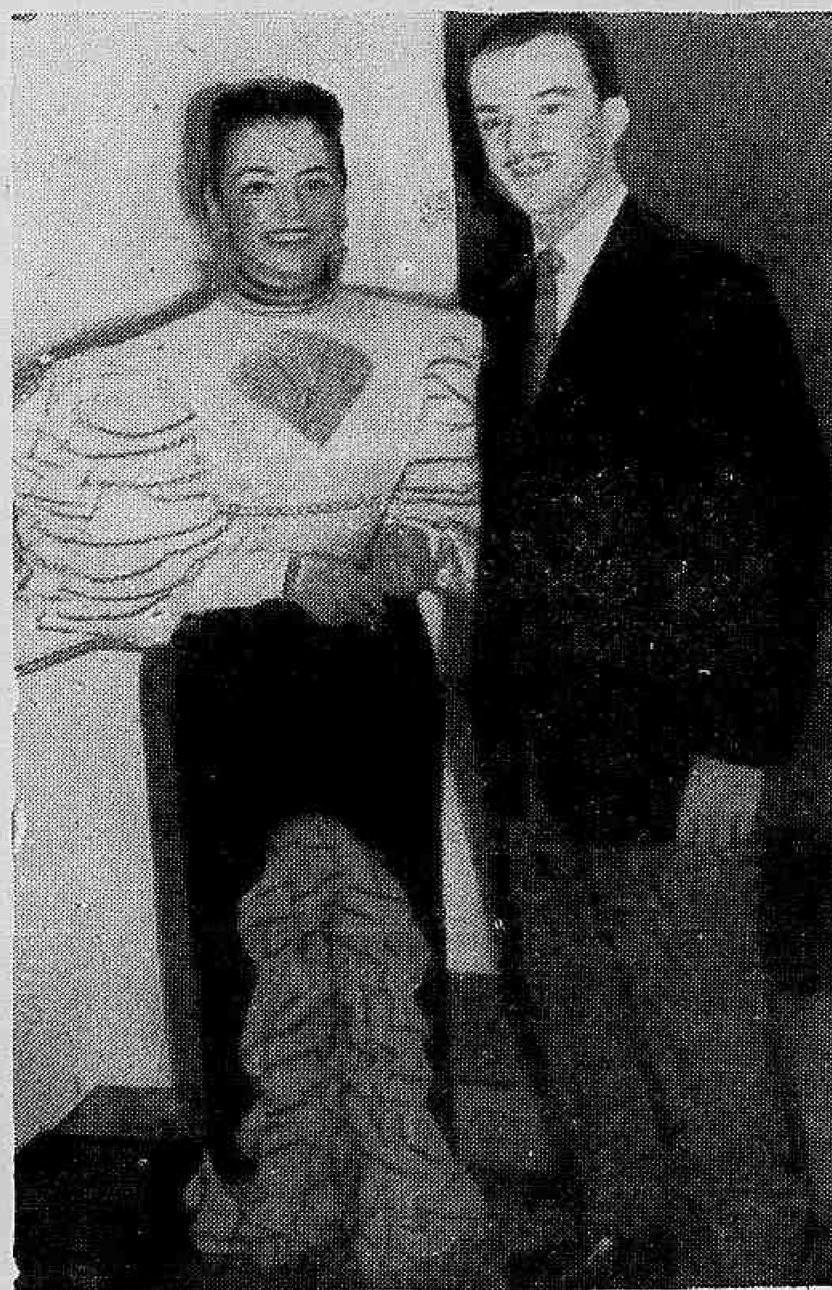
Mas, certo dia, em um dos programas de Francisco Carlos, o "brôto" que já passou da casa dos 25, na Rádio Nacional, ouvimos o locutor anunciar: — "Ouçamos agora, "Adorável como um sonho". A melodia não nos era estranha; fizemos um esfôrço de memória e reconhecemos naquela música o fox "Lovely as a dream" composição de Haroldo Eiras do tempo em que cantava.

Outros sucessores viéram, como "Porque voltei", gravado em disco Sinter por Ivan de alencar, o bolero "Noite após noite" na voz de Rosita Gonzales. Atualmente foi pôsto à venda "Seus olhos entendem os meus" na voz de Jorge Goulard música que vem ràpidamente galgando os degraus da fama. Brevemente lançará o samba-canção "Você se lembra" composição que já tivemos a oportunidade de publicar a letra em uma recente entrevista concedida à **CEA MUDA** por Mary Gonçalves, Rainha do Rádio. Entre suas músicas de maior sucesso destaca-se "Porque voltei" que há pouco tempo foi radiofonizada para o programa "Romance Musical". Suas melodias desfilam regularmente através de "Um milhão de melodias" apresentado pela Rádio Nacional, vestidas que grandes arranjos e interpretadas pelos maiores nomes da radiofonia brasileira. Compõe exclusivamente com Victor Brbara e Ciro Viera da Cunha. Seus orquestradores são Lyrio Panicali e Ra-

(Continua na pág. 34)



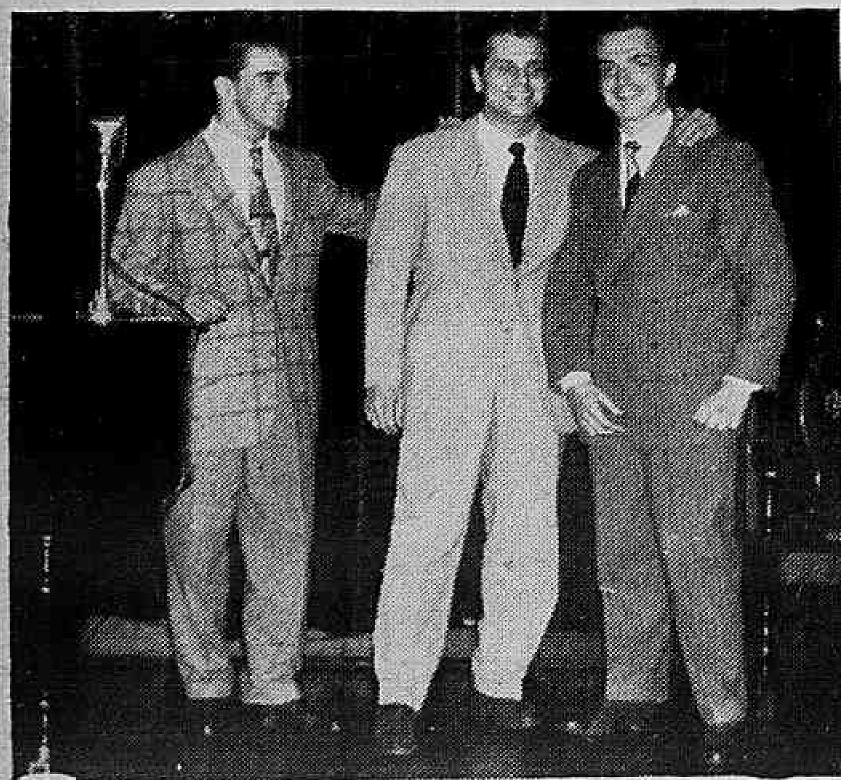
Que belo par, hein?



Haroldo Eiras e Norma Calderon, cantora da orquestra de Xavier Cugat

★

Em companhia de Dick Farney e John Maldonado, numa das reuniões do «Perry Como & Haroldo Eiras Fã Clube»





Com o popular «Chacrinha», durante um programa

Paris é a principal figura do novo filme

de JULIEN DUVIVIER

Por CHARLES DE LA RIVIÈRE



Êle se encontra com elas. Cada qual mais encantadora, mais linda, mais perfumada. Contudo, parece que vai «ter»

PARIS é, talvez, a cidade que mais tem sido aproveitada pelo cinema como "fundo" para os argumentos: em Hollywood, em Romo, em Buenos Aires ou na própria França, a Cidade-Luz tem sido o "background" de maior interêsse para os "script-writers", e são incontáveis os filmes cujas histórias têm tido como assunto, mesmo em cenas rápidas, a mais bela capital do mundo... segundo os que já a viram.

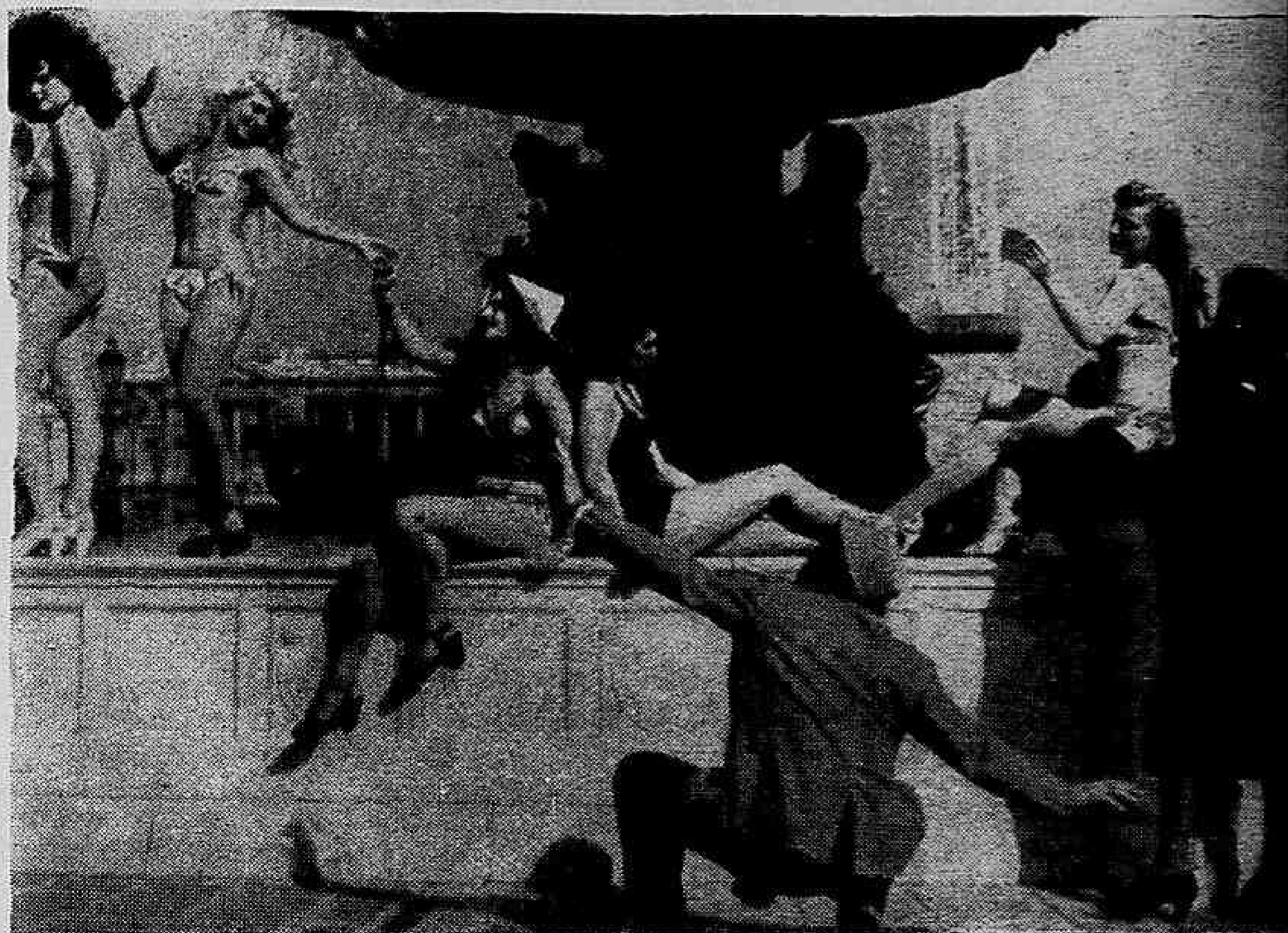
Desta vez, Paris é aproveitada por Julien Duvivier para um dos mais belos filmes de sua carreira: "Sinfonia de uma cidade" (Sous le ciel de Paris). Sòmente que, agora, não é Paris que serve de "atmosfera"; mas sim, as histórias que servem de "atmosfera" para a Cidade-Luz. Cremos que, jamais — a não ser, naturalmente, nos documentários, — foi uma cidade "visitada" pela "camera", como neste filme de Duvivier. E' como se déssemos um maravilhoso passeio pelas ruas da capital francesa, conhecendo-lhe as imensas "avenues", os suntuosos "boulevards", ou as pequeninas ruas, onde residem os menos afortunados... E, temos a certeza de que ninguém até hoje, conseguira de maneira tão completa, o retrato de Paris que Duvivier nos apresenta magnificamente neste seu filme.

Além disso, "Sinfonia de uma cidade" reúne seis episódios sem ligação entre si, que contêm romance ou emoção, tragédia ou alegria... Há a jovem provinciana (Brigitte Auber) que vem em busca da sorte; o estudante de medicina (Daniel Ivernel), que vai prestar exames: a velha solitária que vive com os gatos (Sylvie), o escultor demente que assassina seus modelos (Raymond Harmantier); o operário que vai festejar suas bodas de prata (Jean Brochard); a menina que tira más notas (Marie-France)... E todos êstes personagens verão os seus problemas resolvidos naquele único dia, onde o Destino, caprichoso e implacável, preparou-lhes a teia que os envolverá inexoràvelmente... E num espaço de apenas um dia, vemos desfilar diante de nossos olhos, seqüências comoventes, divertidas, ou românticas, que atestam a inteligência invulgar do "mestre" Duvivier!

Uma belíssima melodia sublinha as situações do filme, ajudada pela fotografia de Roger Corbeau, que é, pode-se dizer, irrepreensível. E no que tange à representação, ela é perfeita; além dos nomes já citados acima, temos Christiane Lénier, René Blanchard, Paul Frankeur, Pierre Destailles e Marcelle Praince. "Sinfonia de uma cidade" é, portanto, um espetáculo realmente merecedor de todos os encômios com que tem sido recebido por todos os críticos.

Em nossa opinião sincera, "Sinfonia de uma cidade" significa a perfeição no campo cinematográfico. Raras vêzes conseguiu-se uma tal harmonia de argumento, direção e interpretação, como neste extraordinário filme que a "França Filmes do Brasil" selecionou para apresentar ao público do Brasil. Cremos não nos enganarmos ao repetir que se trata de uma produção de nível superior, e que enche de orgulho todos os que dela participaram!

★



Parece que chegaram a um acôrdo, e as «demoiselles» tomaram posição para o trabalho. Tudo isso se passa em Paris

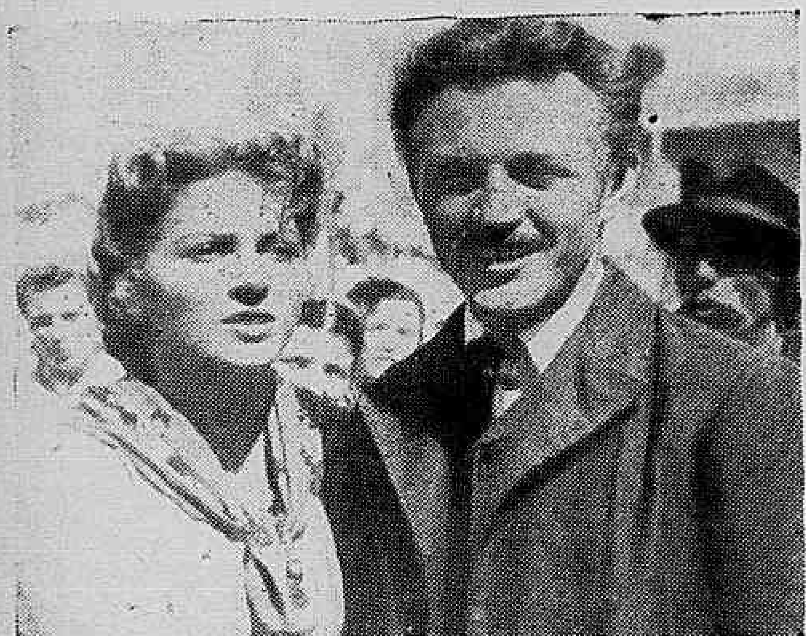


Cena que reflete as dificuldades das «garôtas» de todo o mundo: elas tinham sonhos; mas a realidade é esta...

COMO EU VI
CARLA DEL POGGIO



O que sempre sonhou em sua carreira... Aparecer cantando e bailando como uma «vedette». Cena do seu mais recente filme



Teve verdadeira adoração em trabalhar ao lado de Jacques Sernas que repetiu em «O Moinho do Pó»

Seu talento dramático é impressionante



Roma,
De GIORGIO CABRALLI
Especial para "Cena Muda".

ASSIM sou eu. Eis totalmente como sou na vida real! E foi assim que Carla Del Poggio terminou sua entrevista para a CENA MUDA. Minha primeira pergunta a Carla, que é uma das mais credenciadas atrizes do moderno cinema italiano, foi esta: Como ingressou no cinema? Mme. Lattuada não se fêz de rogada e respondeu: — Eu era campeã de natação e equitação. Certo dia veio à minha mente um forte desejo de aparecer no cinema; mas não como até então havia feito, nos jornais de atualidades. Eu queria atuar na tela dirigida por um mestre e fazendo o que êle desejasse. Tornar-me-ia "marionette" como deve ser todo o artista cinematográfico. Isto foi mais ou menos em 1939. Já em 1940, quando souberam dos meus ideais, foi um "Deus nos acuda"; as propostas choveram. Entre todos os que pretendiam dirigir-me no cinema, escolhi Vittorio De Sicca, o diretor que vocês, brasileiros, elogiaram recentemente pela atuação em "Amanhã Será Tarde Demais", exibido recentemente no Rio. O sr. De Sicca deu-me o principal papel de "Madalena, Zero em Comportamento", e isto para mim, uma pequena que estava iniciando no cinema, foi uma glória tão grande como ninguém pode calcular. Trabalhei como nunca. De quando em quando ficava dominada pelo cansaço. Estudei bastante o meu papel, e, dias após, estava pronta para iniciarmos os trabalhos nos estúdios. Pela primeira vez iria enfrentar as câmaras cinematográficas. Felizmente venci, e, quando dispensaram minha presença nas filmagens, fiquei tão satisfeita que não cabia em mim. Segui para casa, e logo na metade do caminho, a minha vontade era de voltar aos estúdios para pedir um outro papel imediatamente. Meu período de descanso foi longo. Durante êsse tempo passei a dedicar-me novamente aos esportes e estudando um pouco de poesia, lendo livros instrutivos, etc... Quando já estava marcada a data para a estréia do meu primeiro filme fui chamada novamente pelo diretor De Sicca. Qual não foi a minha surprêsa ao saber que já me haviam preparado um outro papel. Tratava-se aí do segundo filme. Êste levou o título de "Um Garibaldino no Convento" ou "Recordações de Amor". Com estas duas películas conquistei grande popularidade; mas agora eu já desejava fazer uma terceira, onde pudesse fazer aparecer os meus dotes adquiridos nos estúdios. Nos dois primeiros, havia interpretado o papel de uma ingênua vivaz e já não queria fazer minha carreira estacionando na mesma interpretação. Agradava bastante no papel, mas o senhor sabe que um artista sempre tem aquêle desejo de fazer algo diferente.

Quando começaram a considerar-me uma grande atriz eu me senti como gente grande. Parecia que já andava no meio cinematográfico há anos; porém, eu me julgava cada vez mais iniciante. Foi nesta fase que conheci o diretor Alberto Lattuada e após longo tempo mantivemos um romance amoroso para mais tarde tornar-me sua espôsa. Agora sim, fui lançada novamente no cinema. Recebi um outro tipo para representar, mas isto já em 1945. Chegara a ocasião sempre desejada. Conseguira, finalmente, um papel dramático. Sob a direção de meu espôso apareci em "O Bandido", e em seguida estrelei "Ciúme Trágico", de Giuseppe De Santis, filme êste que me deu um marco na carreira, que jamais poderei esquecer. Esta película foi premiada no Festival Cinematográfico de Veneza de 47, no mesmo ano que na Itália concediam o "Nastro D'Argento" (Oscar italiano) ao filme que eu havia estrelado com Jacques Sernas para Pietro Germi, "Juventude Perdida". Em 1948 trabalhei novamente dirigida por Lattuada em "Sem Piedade". Já sentia saudades da direção do espôso.

★

Carla Del Poggio é uma das mais dinâmicas atrizes do cinema mundial. Entre um filme e outro sua maior diversão é atuar em teatros. Quase sempre faz parte do elenco do "Quirino" em Roma. O público teatral italiano marcou bem sua atuação após o grande sucesso da peça "A Importância de se chamar Ernesto", um estrondoso êxito, graças ao seu papel. Quando, uma vez por ano, tira férias, o faz junto com o espôso e passeiam pelos campos onde têm oportunidades para os exercícios de natação e equitação. Em 1949 tirou o curso de pilotagem aérea. Adora idiomas e mais ainda o português. Fêz um grande esfôrço, mas a maior parte da nossa conversa foi em português e isto para que eu pudesse mostrar aos brasileiros sua grande vontade de conhecer de perto o torrão verde e amarelo. Seu mais recente sucesso é o filme "Mulheres e Luzes" (Luci del Varietá) onde teve como companheira a atriz brasileira Vanja Orico. Nesta película, Carla aparece cantando e bailando como "vedette". O seu papel é o de uma jovem do interior que sonha com o teatro musicado. Faz sua estréia numa companhia mambembe com estupendo sucesso, pois suas

(Cont. na pág. 34)

Gilberto Martinho

"MORREU PARA DE NOVO NASCER"

PARSIFAL

TÔDA vez que deparamos elementos que se firmaram na arte, devido aos seus incansáveis esforços e meticulosidade, como Gilberto Martinho, nos sentimos satisfeitos de ver que o amor à arte sobrepuja quaisquer outras paixões.

Gilberto Martinho era um rapaz pacato. Estudante de Comércio, trabalhava como escriturário na Metro Goldwyn Mayer e sentia que sua vida era monótona. Seus dons pendiam para a arte, e assim êle passava os dias matutando como ingressar na mesmo. Até que uma oportunidade lhe surgiu, e essa êle nos narrará a seguir.

Sua especialidade é de ator característico, tendo contribuido para isso seu tipo forte, alto e sisudo.

Vamos palestrar, pois, com o artista.

— Gilberto, diga-nos como ingressou na vida artística.

— Desde muito criança senti-me atraído pela vida artística, atração essa que avultou em 1948, quando, pela primeira vez assisti a uma representação teatral, por Dulcina e Odilon. Aquela peça foi para mim, como uma catapulta. Aí, então, resolvi "morrer para de novo nascer"...

— Que pretende dizer com êsse seu pensamento, "morrer dara de novo nascer"?

— Minha vida era até aquela época, monótona. Tal e qual a dos que não têm sonhos artísticos. Trabalhava para sobreviver, mas não para viver. Não tinha estímulo; ser datilógrafo não era o meu ideal. Por isso, considero que, ao entrar para as artes, eu morri para a minha antiga vida, e nasci para uma nova.

— Interessantíssimo... Prossiga...

— Ingressei, então, no Seminário de Arte Dramática do Teatro do Estudante do Brasil, sob a orientação de Pascoal Carlos Magno, interpretando, aí, os papéis de "Capuleto" em "Romeu e Julieta", e "Mac-Duff" em "Macbeth". Daí, entrei para o profissionalismo, integrando o "cast" de "Os Artistas Unidos", sob a direção de Henriette Morineau, com os quais excursionei por todo o sul do país, durante 8 meses. Trabalhei a seguir na T.V., Cia. Renato Viana, Radio Globo (como rádio-ator), Cia Graça Mello (no papel de Morales, da famosa peça de Emmanuel Roblès, "Massacre") e finalmente no filme "Maria da Praia", onde fiz minha estréia na cinematografia.

— Estréia essa, aliás, muito auspiciosa, não é assim?

— E' exato, pois o personagem que encarnei nesse filme, Alfredo, valeu-me o prêmio de "Revelação Masculina de 1951", do Cinema Nacional, que me foi concedido pela Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos, e para mim, foi, é e será sempre o maior estímulo.

— Na sua auto-crítica, diga-nos Gilberto Martinho, quais as suas melhores interpretações no Cinema, Teatro, Rádio e Televisão?

— De tudo quanto já fiz, ou melhor, de tôdas as minhas poucas interpretações, destaco com segurança e sem modéstia: boas "performances" como as do "Conde de Exex" em "Elizabeth da Inglaterra", quando trabalhei com Madame Morineau, e a de "Alfredo" em "Maria da Praia". onde contracenei com Dinah Mezzomo, que naquela época era a minha soberana, ou melhor, "Rainha do Cinema".

— Sua experiência na cinematografia parou em "Maria da Praia"?

— Não. Terminei há dias as filmagens de "Alvorada de Glória", tendo como diretor, Gino Palmisano, e onde tive o papel de um espanhol.

— Na sua vida artística, qual a sua maior emoção?

— A noite de minha estréia na "pele" do "Conde de Exex".

— Sente-se satisfeito com a carreira que abraçou?

— Sim, satisfeitíssimo, e com ela criei uma nova alma, cheia de inspiração, fé e confiança no futuro.

E concluindo disse-nos:

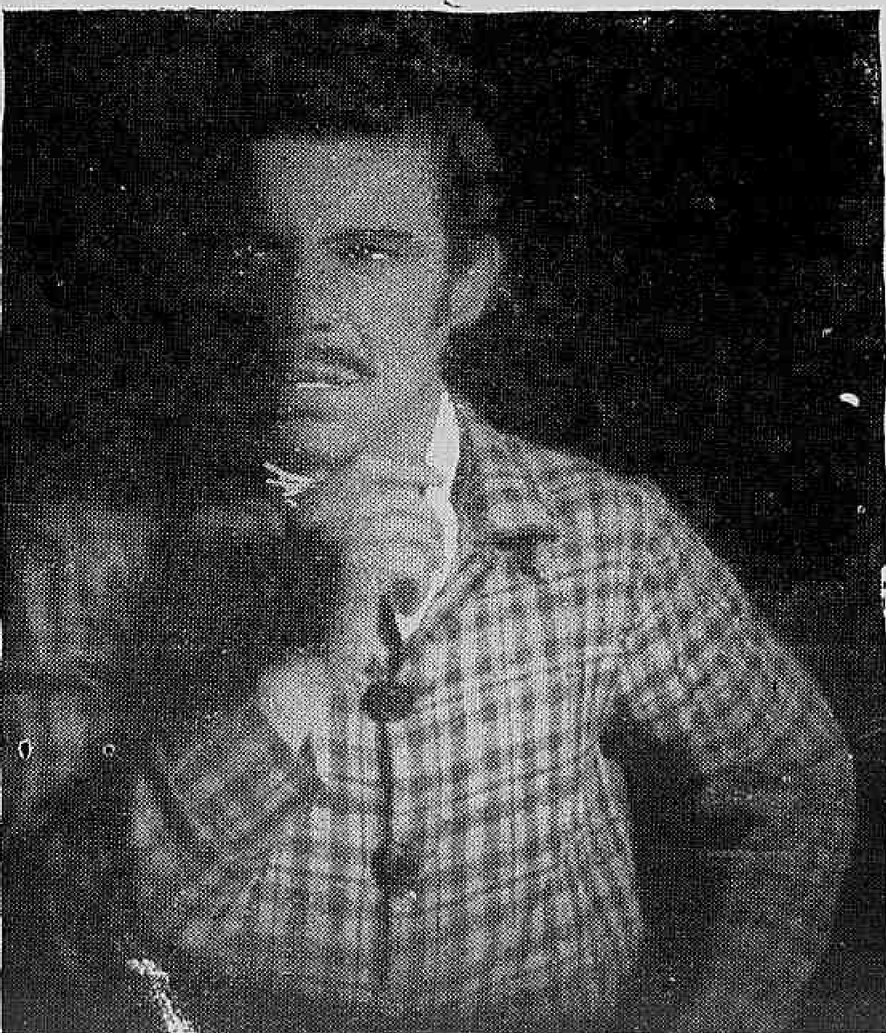
— Tudo farei para corresponder aos meus fãs, à cinematografia nacional e, sobretudo, à crítica especializada que me confortou com tão distinguido prêmio aos meus esforços, em minha estréia na sétima arte.

E assim nos despedimos de Gilberto Martinho, certos de que havíamos conhecido um elemento que empenhará todos os seus esforços e seu talento para o alicerçamento da indústria cinematográfica em nosso país.



Meditou muito: mas, por fim, com seu valor, conseguiu chegar à posição de destaque que conquistou na Arte







Interpretando o papel de Alfredo, no filme «Maria da Praia», ganhou o prêmio de «Revelação Masculina» — 1951

Gilberto possui excelente máscara para ator característico, como se pode ver pela foto que aqui mostramos

No Teatro obteve grande sucesso em várias peças, especialmente quando encarnou o «Conde de Exex», em «Elizabeth da Inglaterra»

REBENTO SELVAGEM

(Le Garçon Sauvage)

Dirigido por JEAN DELANNOY

ELENCO:

Marie	**MADELEINE ROBINSON**
Simon, seu filho	**PIERRE-MICHEL BECK**
Paul	**FRANK VILLARD**
O Capitão	**HENRI VILBERT**
Uma prostituta.	**DORA DOLL**
Gilles	**BEAUCHAMP**
Annie Flynt ...	**JANINE MILLER**

E mais Doris Douking, Duvaleix, Fransined, Geo Boeuf, René Genin, Josselin, Patorni, Gaston Rey e Sardou

RESUMO

A carriola sacolejava pelo caminho tortuoso e pétreo que subia através de uma região selvagem. Nenhuma flor. Apenas uma erva sêca e rara surgindo por entre as fendas rochosas. Lá de cima, o duro e causticante sol da Provença curvava as cabeças dos dois viandantes. «Dá no mesmo — falou a mulher após um pesado silêncio apenas interrompido pelo ranger dos pedregulhos sob as rodas do carro e as ferraduras da mula — dá no mesmo; antes de mandar o menino para a companhia dêsse homem, o senhor deveria ter pedido a minha opinião!» — Era jovem, loura, trajava-se com um rebuscamento algo gritante a contrastar com a indumentária do camponês, calças de brim e camisa aberta. Ela guardava, no entanto, um ar gentil e sedutor, mesmo nêsse flamejamento de cólera. — «É... — resmungou êle de mau humor — mas o menino já estava conosco há tanto tempo... Quando vimos que a senhora não mandava o dinheiro do trimestre... Mas, não tenha receio, Gilles (BEAUCHAMP) é um bom homem... — Isso era certo. Ela bem o viu ao chegar à choupana do pastor, quando se defrontou com aquêle velho alto e sêco, tisnado de sol, uns olhos claros de antigo marujo. — «Chamo-me Marie (MADELEINE ROBINSON); sou a mãe de Simon (PIERRE-MICHEL BECK...) Êle está?» — O garôto chegou em breve trazendo carneiros. Era bronzeado, hirsuto, sujo, mas soberbo, Marie extasiava-se: — «Como estás crescido para os teus doze anos... Tu me reconheces?... Anda, dize, gostas de tua mamãe?... Mas que é isso? Nem ao menos sabes beijar? Que selvagem... Olha, trouxe-te brinquedos. — Simon, intimidado, quedava-se mudo diante do presépio de papelão e do cavalo de pau saídos da maleta e ridículos em semelhante lugar. Êle não conhecia senão animais de verdade, os carneiros e a cadela Duquesa, ao lado dos quais passou junto de sua mãe, sôbre uma enxerga, a sua derradeira noite nas montanhas. Vinda a manhã, partiram. Marie levava seu filho para Marselha... Já no trem, quantas surprêsas para Simon! Os automóveis, tôda aquela gente... E a estação de Saint-Charles, o tráfego da grande cidade, as lojas e até mesmo os cestos do mercado, no velho bairro onde Marie tinha a sua morada, num quarto andar aberto sôbre um estreito beco tortuoso e íngreme... À sua chegada, vizinhas, transeuntes interpelavam-na: «Então, beleza, é o teu novo apaixonado?... — E' meu filho» — respondia ela sorridente e altiva. Marie mostrou-lhe as venezianas cerradas de seu quarto. Uma vez vencida a escada, abriu-as largamente iluminando um aposento bem limpo que ofuscou o garôto. Móveis brilhantes, uma virgem colorida, um rádio, toalhas de renda e um leito, um grande leito baixo que parecia encher todo o quarto. Pouco depois, no banheiro: — «Mamãe, que recipiente é êsse? — Que recipiente que nada! E' uma banheira! Lavado, esfregado, Simon ouvia o programa: viveriam sempre juntos. Dormiriam em um pequeno quarto perto da cozinha. Seriam muito feliz. A campainhia soou. Surgiu um homem vestido com apuro, aparentando uns quarenta anos: — «Perdão... Como eu vi as venezianas abertas... — E' meu filho, explicou-lhe Marie. Venha de noite... De noite, nessa primeira noite, Marie, maternalmente meiga, acariciava Simon quando soaram passos na escada. Era o homem. Marie deu um último beijo no rosto do filho: Boa noite, querido... E no limiar da porta; Boa noite, querido — repetiu ela em outro tom. Acima de sua cabeça, antes de adormecer, Simon ouviu risos furtivos, depois de um ruído sêco: Marie fechava as venezianas... Pela manhã, e por tôdas as manhãs subseqüentes, êle despertava embriagado de sua felicidade nova. Sua mãe o levara ao cabeleireiro; um amigo. Levara-o em seguida a uma loja onde lhe comprou um formoso traje de marinheiro ao qual não faltou nem mesmo o gorro de estido. Mas sua grande alegria fôra, sobretudo, a descoberta do mar, durante um passeio que fizeram de automóvel. Era ainda um amigo o cavalheiro que os conduzia. O pugilato de Simon com um vadio que atirara um rato morto no colo de Marie fôra a única nuvem a empanar todos aquêles prazeres: Não quero que toquem em minha mãe! Dizia surdamente o pequeno, com os olhos iluminados por uma chama negra. De volta, Simon demorara-se um pouco na rua. O automobilista entrara com sua mãe. Lá no alto, as venezianas bateram... A criança não dera importância ao caso. De pé já bem cedo, corria em busca do café, dos biscoitos, do correio. Uma carta, a conta da eletricidade, surpreendeu-o. Marie explicou-lhe: — Mas sim, tudo é pago, a luz, o gaz, a água... E onde arranjarás dinheiro, mamãe? — Bem... eu trabalho... Faço negócios!... Acaba de comer, vamos à Nossa Senhora da Guarda: Uma tarde, pararam numa praça para comprar sorvete: ainda uma revelação para o jovem Simon. — Ali estava; a uma das mesas dispostas ao ar livre, um homem de bigode tratado, elegante, gravata onde brilhava uma pedra rara, no pulso um bracelete de ouro. Moças de cílios pintados e lábios em sangue o cumprimentavam: Bom dia, senhor Paul (FRANK VILLARD). Marie abriu a carteira, tirou um cigarro. O senhor Paul ofereceu-lhe o fogo de seu isqueiro em sua mão repleta de anéis... Não agradou à Simon, aquêle senhor Paul. Via sua mãe nervosa, perturbada... completamente outra... E Simon sentia que era por causa daquele homem. — Toma, vai comprar um doce — disse Marie dando-lhe dinheiro. E, rápida, seguiu sòzinha. No dia seguinte, Simon já não se surpreendeu ao vê-la agitar-se dentro de um vestido novo. Começava a compreender. — Depressa Simon, temos uma pessoa esperando por nós... Ah!... E' o homem que te ofereceu fogo ontem, ein, mamãe?... — Sim, era êle. Ainda êle. Nêsse primeiro dia, no táxi, o garôto olhava pela vidraça para não ver a mão de sua mãe crispada no joelho do senhor Paul. Foi-lhe preciso almoçar com êle, jantar com êle. Sua mãe cobria o intruso com o olhar. Simon entrou com êles em casa, ao anoitecer... e refugiou-se na solidão do seu quarto. — «Oh, coitadinho, eu tinha esquecido de te dar boa-noite!» — Era sua mãe que descera, mas para apanhar uma garrafa de champanha. Logo tornou a subir, rápida e leve. No dia seguinte, Simon não tomou café em sua companhia. Cançada, lânguida, remexendo-se no leito, ela o mandou embora: — Vai brincar, sê bonzinho... Vai... Por muito tempo êle perambulou, melancólico e triste, ao longo do cais e à margem do rio. Foi a primeira de suas longas caminhadas plena de devaneios, de longínquas viagens imaginárias... Quando regressou, encontrou o senhor Paul em seu próprio quarto. Ouvia-se lá de cima a voz de outro homem no quarto de sua mãe, o que não parecia perturbar o belo amante. Êste tentou domesticar o menino selvagem. Vou mostrar-te uma coisa. Olha, escolhe uma carta... Mas Simon nunca tinha visto um baralho em sua vida e fixava um olhar sombrio em seu rival no coração materno: E' verdade que o senhor é marinheiro; — Foi tua mãe quem disse? Sim, é verdade.

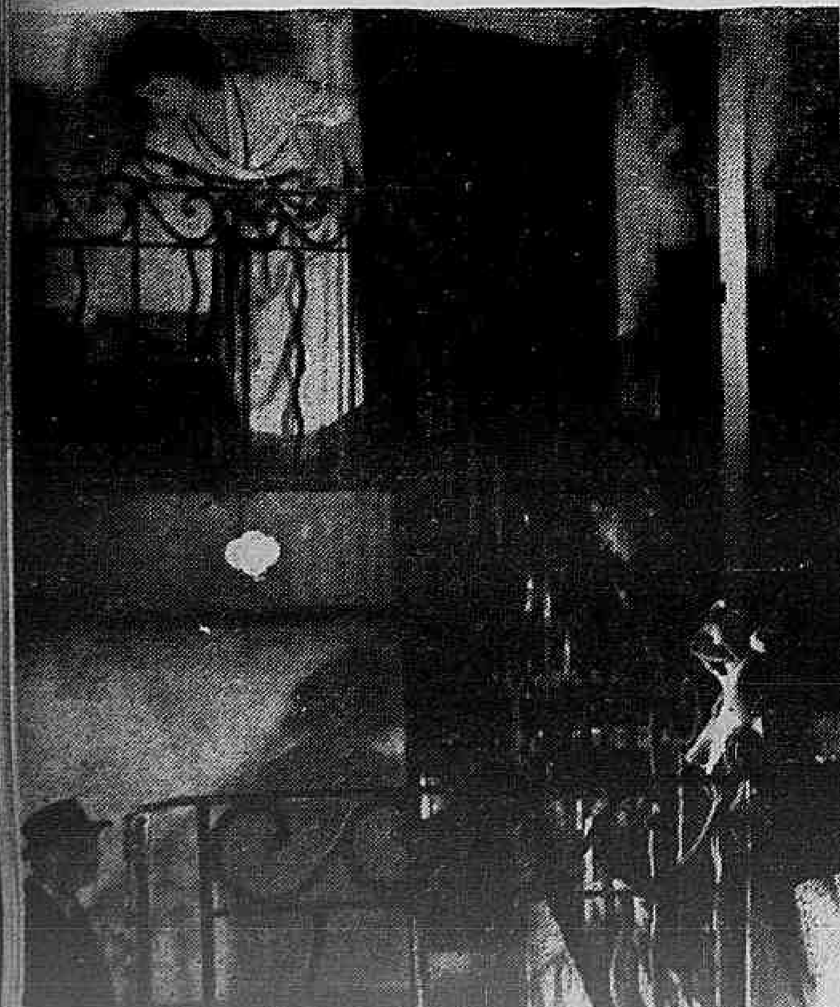
Devo embarcar no «Galliéni», um navio que vão lançar... O homem de cima foi-se embora. O senhor Paul estendeu a Simon uma nota de mil francos estalando de nova: toma, vai-me comprar uma garrafa de vinho... Algum tempo depois, o pequeno achou-se a sós na cozinha. Procurava alguma coisa quando Marie e o senhor Paul entraram na peça ao lado. — Mandarei pintar tudo, instalar um divã — dizia ela. Estarás bem aqui... perto de mim... Simon irá para um colégio interno... Amorosa, ela chegava-se a êle. O homem atirou-a sôbre a cama de Simon, que, perturbado, deixou cair uma garrafa, traindo a sua presença. Tôda corada, Marie pôz-se a falar num tom de volubilidade: — Estavas aí? Porque não disseste? Falávamos a teu respeito, eu e Paul. Conheço uma boa escola, um internato que... A instrução — sentenciou Paul — é tudo na vida! — Nêsse mesmo dia, Marie foi ao cabeleleiro. Uma outra freguesa tagarelava ao telefone. Era Annie Flynt (JANINE MILLER), a cantora do cabaré «A Es-



Simon era um menino encantador. Mas o seu futuro...

Que queria aquêle homem com o seu filho?

Uma conversa indiscreta descobre segredos...





cala». — És tu Paul?... Sim, eu te adoro!... Vem esta noite ao «Escala...» Tu não estarás sòzinho? Não tem importância... Nós arranjaremos uma horinha... O empregado do cabeleleiro disfarçava o riso enquanto soprava ao ouvido de Marie: — Essa Annie Flynt... enrabichou-se por um tipo. Êle se diz marinheiro e que espera o lançamento do «Galliéni» para embarcar. Ora essa!... Um barco que não entrará para os estaleiros antes de cinco anos... — Nessa noite, o senhor Paul conduziu Marie ao «Escala». Indo ao telefone, surpreendeu-a tentando estrangular a cantora Annie Flynt. O homem interferiu e Marie largou-a após aplicar-lhe a corrigenda de um par de tabefes. No mesmo momento, o bravo capitão de um cargueiro corso fundeado no cais (RENÉ GENIN) ouviu um ruido na água negra, perto da proa de seu barco. Êle atirou-se, mergulhou... Um garôto surgiu desmaiado em seus braços... O bom homem reanimou Simon, o garôto, vestiu-lhe a roupa sêca, deu-lhe de beber um pouco de rum. O ambiente era doce e calmo no camarote envernizado. O marujo, delicadamente, interrogou a criança: — «Não tens pai?... E tua mãe?... — Não sei... Anda por aí... Diante do homem comovido, êle, entretanto, erguia a cabeça, afirmava que caíra nágua por acidente. Foi também o que disse à sua mãe, já bastante inquieta, ao entrar em casa. O senhor Paul acabara de partir batendo a porta, furioso com a cena do «Escala». Houve, então, uma lua de mel entre Marie e o filho. Simon julgava que o intruso partira para sempre. Assim, quando seu amigo, o capitão, lhe ofereceu engajamento a bordo de seu navio, êle disse: Não, mamãe precisa de mim... Mas a sua mãe vivia agora chorando. Tôda noite a procurar o amante pelos cafés do pôrto, chegando ao ponto de mandar o próprio Simon procurá-lo. Êste acabou esbarrando um dia com o seu grande inimigo. — «Ah, estás a minha procura?, disse o senhor Paul, triunfante. E tua mãe?... — Não encontrei ninguém — afirmou Simon à sua mãe apesar de vê-la banhada em lágrimas. Certa noite, ao regressar, Simon encontrou Paul ao lado de Marie. Perto, o leito em desordem. Pobre Simon! Tão alegre vinha; trabalhara a bordo do barco de seu amigo e ganhara o seu primeiro dinheiro. Seu primeiro pensamento fôra o de convidar sua mãe para jantar... Em lugar disso, as reprimendas... E de quem... — Porque não desseste à tua mãe que me tinhas encontrado num café? Não tens coração? Para mim minha mãe é sagrada! — Ouvir tal coisa do senhor Paul !... E ver sua mãe aprovar tais palavras... Louco de dor, Simon correu ao pôrto, resolvido a embarcar, mas o cargueiro corso acabava de levantar ferros... Era necessário que Simon suportasse ainda o inimigo. Êle possuia, ao menos, uma arma guardada em segrêdo. O dono do mar (SARDOU) tinha-lhe dito: «Menino, aquela nota de mil com que me compraste uma garrafa de vinho... Lembras-te? Pois bem, era falsa. Marie reembolsara o vendeiro sem nada dizer ao senhor Paul. Suas preocupações eram outras. No Café que êle frequentava em companhia de amigos, uma prostituta (DORA DOLL) gritava aos quatro ventos a sua ligação com o «marinheiro» Paul. Mas êste nem por isso deixava Marie, e nessa noite convidou-a, e também a Simon, para jantarem com êle em um restaurante de primeira. Essa noitada familiar acabou mal. O senhor Paul quís por brincadeira, obrigar Simon a beber. Um cliente (AMATO), revoltado, interveio, insultou-o. Acovardado, humilhado, o senhor Paul aquietou-se. Ansioso por ir embora, abriu a carteira e pagou a conta. A nota foi-lhe devolvida: era falsa. E a sua raiva explodiu quando já estavam em casa... mas as vítimas foram apenas os móveis indefesos... E' mais fácil... — disse Marie num desabafo. Furioso, êle bateu-lhe. No instante seguinte Simon atirava-se sôbre êle, empunhando sua velha faca de pastor. O senhor Paul não teve mais que um arranhão no dedo, e já Marie desarmava o filho, esbofeteava-o, expulsava-o do quarto, Simon rugiu: — Hei de matá-lo! — No dia seguinte, sem nenhum receio, o pequeno pediu ao senhor Paul a devolução de sua faca, uma recordação do velho Gilles. O intruso ergueu o punho cerrado. Se me tocar, disse o garôto, eu o denuncio... Tenho comigo o sua nota falsa de mil francos, a da garrafa de vinho... O senhor Paul ameaçou, tornou-se conciliatório, ofereceu uma nota verdadeira em troca da falsa. Tudo inútil.

Acabou devolvendo a faca. Durante a noite, porém, Marie foi falar com Simon em seu quarto, suplicando com lágrimas nos olhos, na angustia de seu amor insensato: — Simon, dá-me a nota, bem sabes que eu preciso dela... Então, envergonhado por sua mãe, o pequeno entregou o que ela lhe pedia. Passou a noite em claro e, apenas amanheceu, dirigiu-se ao pôrto onde encontrou o capitão, que regressava da Córsega.. Indagado sôbre a próxima partida do navio, soube que o cargueiro tornaria ao mar na noite dêsse mesmo dia. Quando o menino o deixou, o capitão notou que o seu revólver tinha desaparecido. O olhar de Simon não o enganara e êle correu à casa de Marie. As venezianas estavam cerradas, um murmúrio passava através da porta. O punho robusto do homem do mar abateu-se: a porta abriu-se. Por fim, Marie apareceu, seminua, os cabelos em desalinho. O capitão contou-lhe o que se passara. — Meus Deus!... gemeu ela empalidecendo. Eu sei o que êle vai fazer. Vou correndo procurá-lo. Peço-lhe... procure-o também! Caso o encontre, telefone-me para o Café Inglês. Pergunte por Marie... Sim... Sòmente Marie. — Era o Café Inglês uma espécie de quartel-general de Paul e de seus amigos, amigos que êle não cessara de acusar perante Marie, acabando por confessar-lhe que todos, inclusive êle próprio, pertenciam a uma quadrilha de moedeiros falsos. As ameaças de Simon, as suspeitas no restaurante, a vigilância que êle sentia cada vez mais ativa, tudo o alarmava. E, após uma noite de insônia, o senhor Paul saiu muito cedo, dirigiu-se imediatamente à polícia e denunciou todo o bando. — Bem, disse o Comissário (PATORNI) com desprêzo: agora um conselho, larga-te para Paris! Se nós não os apanharmos, êles te apanharão... E o senhor Paul decidiu participar aos seus amigos e cúmplices que teria de fazer nessa noite uma viagem à Toulon, onde precisava ver um amigo. Chegou ao Café Inglês quando Marie, desorientada, procurando-o a fim de preveni-lo dos intentos de Simon, acabava justamente de sair. Em vão ela interrogara os componentes do bando, inclusive Luccioni (GASTON REY), o chefe: nenhum de vocês viu Paul? Êle saiu muito cedo hoje pela manhã, responderam... Logo depois entrou Paul e disse fingindo displicência: Dormi até agora com a Marie... Num relance, Luccioni tudo advinhou. Quando Paul saiu, após ter anunciado sua pretendida viagem à Toulon, êle dirigiu-se ao lavatório. Era tempo. Os policiais, surgindo de vários lados, foram arrebanhando os demais cúmplices. Nêsse interim, o senhor Paul caminhava sem ver Simon, que o seguia com astúcia de índio. Daí diante da casa da meretriz loura do Café Inglês, para o inimigo se dirigira em busca de subsídios, que o garôto se ergueu de súbito, a arma alta, e atirou. A bala chamuscou a roupa de Paul, que logo se atirou sôbre o pequeno. Que fazer? Mas o tempo urgia, o perigo aumentava. Paul soltou Simon. E disse: desaparece, patife! — Não tinha tempo a perder se quizesse apanhar o trem de Paris. Correu ao hotel a fim de arrumar as malas. Foi ali que Marie por fim o encontrou, alucinada e desfeita. A um chamado do Capitão, ao lado do qual Simon se tinha refugiado, ela vira

(Continua na pág. 34)



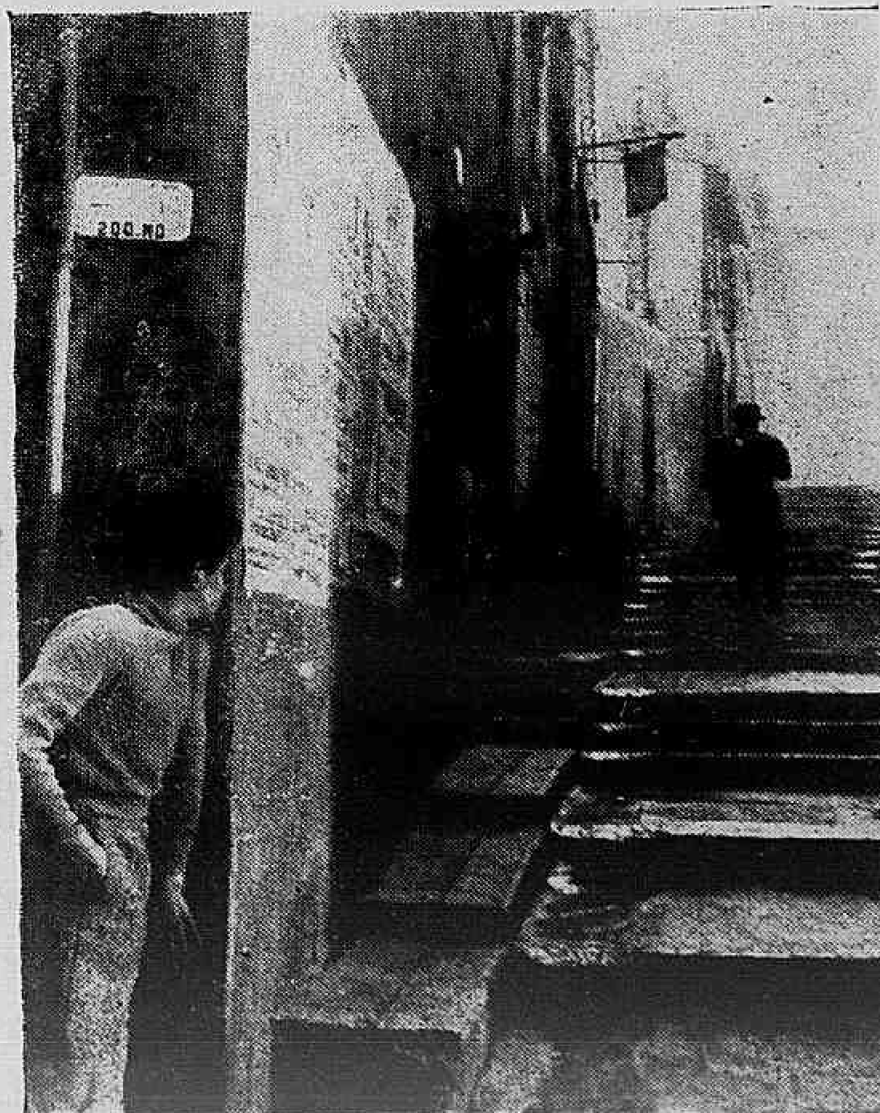
A expectativa não era boa; mas os dias passavam



No pôrto o menino esperava a marcha do Destino

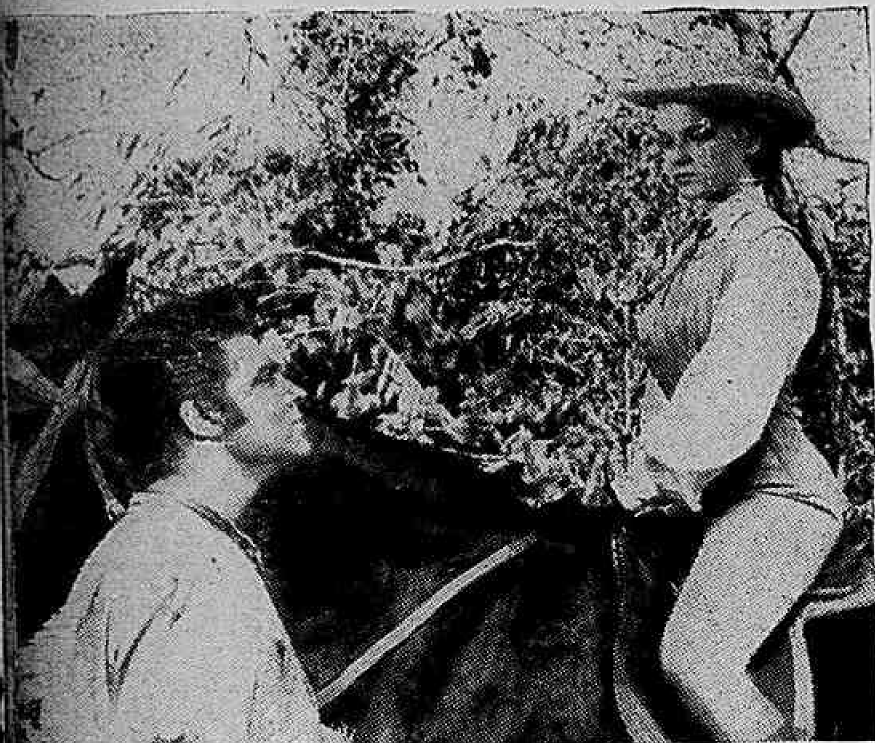


Êle era feliz naquela vida simples do campo



Ocultando-se a um desvão, êle observava...

Lydia Bailey a FEITICEIRA do HAITI



Lídia não parecia estar muito em harmonia com Albion, segundo o modo de olhar

Filme da 20th Century-Fox — Direção de Jean Negulesco

ELENCO:

Albion Hamlin	**DALE ROBERTSON**
Lydia Bailey	**ANNE FRANCIS**
D'Autremont	**CHARLES KORVIN**
King Dick	**WILLIAM MARSHALL**
Gen. LeClerc	**LUIS VAN ROOTEN**
Madame D'Autremont.	**ADELINE DE WALT REYNOLDS**
Paul	**ANGOS PEREZ**

NOS começos do século XIX, Haiti era um verdadeiro foco de revoluções. Atiçada pelo ódio, pelas intrigas políticas e suspeitas, a chama revolucionária se propagava Durante êste período, enquanto a tormenta da rebelião açoitava o país, vivia no Haiti uma formosa jovem norte-americana chamada Lydia Bailey.

Quando o jovem advogado norte-americano, Albion Hamlin desembarca em Cabo Francisco, a notícia de sua chegada é imediatamente comunicada ao turbulento pôrto, pelos tambores típicos do país. Olhos vigilantes seguem o formoso branco até o Consulado norte-americano onde êle explica que tinha por missão conseguir a assinatura de Lydia Bailey em certos documentos deixados pelo seu falecido pai. O cônsul avisa Albion de que deve abandonar o Haiti imediatamente, pois, Napoleão havia mandado tropas para abolir a jovem República e submeter mais uma vez o Haiti ao jugo dos franceses. Todo homem branco em Haiti pode ser considerado suspeito de espionar a favor dos franceses. Albion resolve terminar a sua missão; porém, a verdade das palavras do Cônsul lhe é imediatamente provada quando dentro de uma hora o jovem que levava a sua bagagem é morto a punhaladas, e êle próprio, atacado e raptado por King Dick, um general do exército hatiano.

Albion explica a sua missão a King Dick, e como isso favorece aos seus próprios planos, Dick concorda em guiar Albion à pro-



Mas... tôdas estas mulheres são suas espôsas?
— Sim e são APENAS oito...

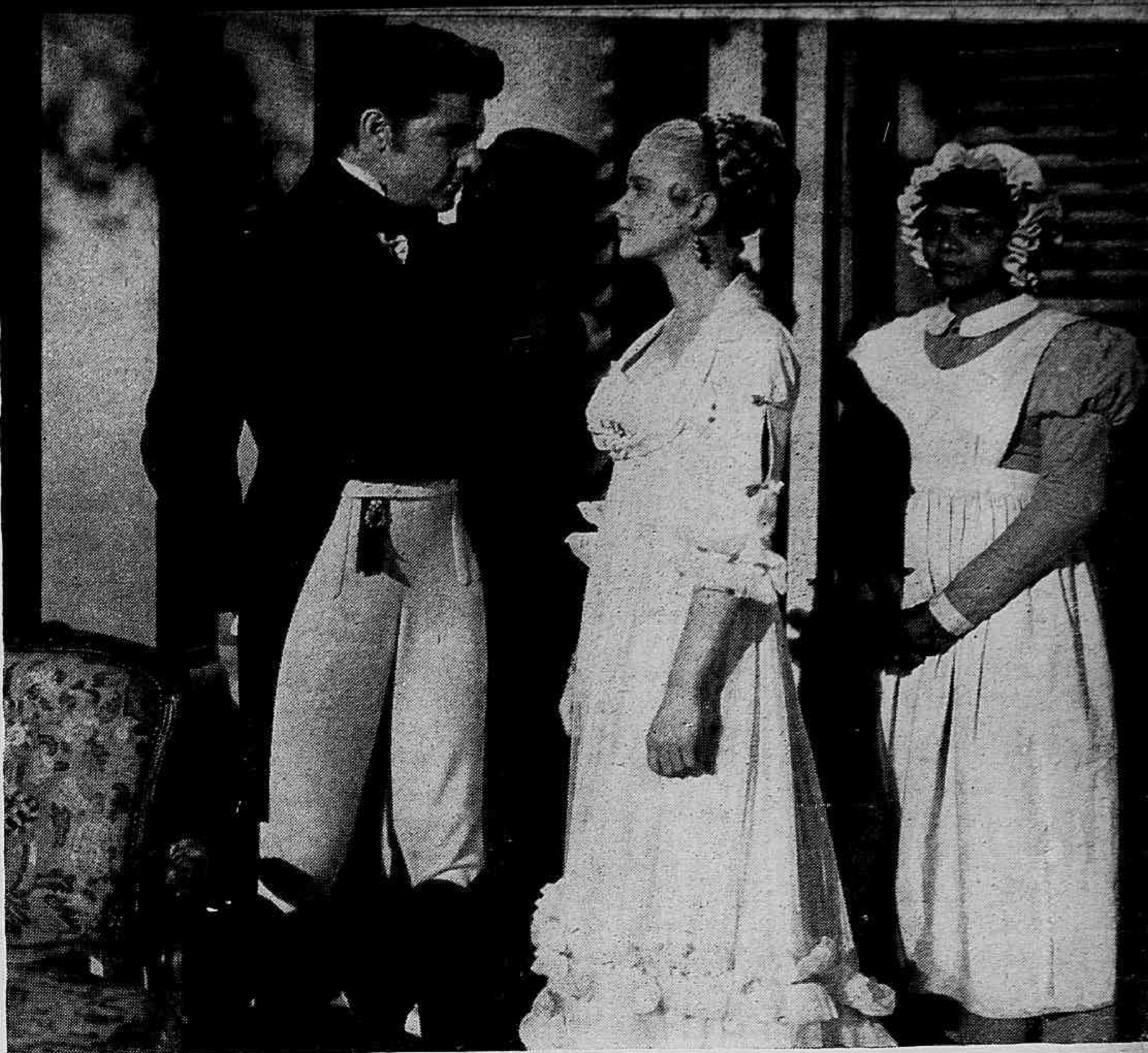
priedade de Autremont, onde vive Lydia. Em caminho êles são capturados por Mirabeau, um general renegado haitiano; mas Albion consegue escapar e chegar a Autremont. Ali êle vem a conhecer a Gabriel D'Autremont, um aristocrata francês de maneiras gentis e à sua encantadora e jovem noiva Lydia Bailey. Enquanto Albion está explicando a Lydia a sua missão, êles são interrompidos pela chegada de King Dick que escapara do bando sanguinário de Mirabeau e se apresenta como criado de Albion. Êste último anuncia a sua intenção de permanecer em Autremont até poder persuadir a relutante Lydia a assinar os papéis, e depois do jantar êles vão assistir à sagrada e ritual dança guerreira que os nativos estão interpretando. Esta frenética exibição é interrompida repentinamente por um grito lancinante, e quando os homens brancos correm para o mato, descobrem o corpo mutilado do traidor nativo, o general La Plume, que tinha estado conferenciando secretamente com D'Autremont. Quando se descobre que King Dick é o assassino, Albion se reúne a êle e foge da plantação.

Logo depois, Albion vem a saber que D'autremont havia abandonado a plantação e que Lydia está em perigo iminente, pois, os homens de Mirabeau se encontravam pilhando as redondezas. Albion volta justamente em tempo de arrancar Lydia e o filho de D'Autremont das mãos assassinas de Mirabeau e disfarçados como nativos êles se reunem a um grupo de fugitivos que haviam perdido os seus lares. Êstes infelizes aceitam os dois jovens americanos. Albion consegue defender os seus protegidos da fúria dos homens de Mirabeau, durante vários dias, porém, finalmente, com o fito de assegurar a sua salvação definitiva, êle se vê obrigado a cortar os seus próprios meios de fuga.

Lydia é recapturada por D'Autremont e trazida de volta para o Cabo Francisco onde, desprezando a rebelião dos nativos, a irmã de Napoleão está tentando criar uma brilhante côrte de perfumados aristocratas, cobertos de jóias. Os franceses estão aguardando a chegada de Toussaint L'Ouverture, presidente da República, a quem êles esperam aprisionar por meio de uma falsa trégua. Toussaint vem a saber dêste "complot", e Albion, que escapara dos homens de Mirabeau, se oferece para ter um entendimento com os franceses, em nome de Toussaint.

A captura de Albion pelos franceses é o sinal para dar começo à insurreição em massa, dos nativos.

Com a ajuda de King Dick, Albion ilude os seus captores e corre através das chamas do Cabo Francisco para salvar Lydia. Depois de um violento encontro com D'Autremont, no qual o francês, por engano, mata a seu próprio filho, Albion e Lydia alcançam a praia onde King Dick os espera com um bote. E, enquanto os jovens apaixonados seguem para a América e para a segurança, King Dick volta para o Cabo Francisco, onde o trabalho de restaurar a República devia ser começado...



Os seus olhares não podiam ocultar por mais tempo o amor que os abrasava



A República deve ser restaurada, expulsando-se os exploradores do Haiti

A IRMÃ gêmea de PIER ANGELI

Os fãs sabiam que Pier Angeli, a vitoriosa estrêla italiana do Cinema de Hollywood, tem uma irmã gêmea? Sabiam que essa "ragazza" é muito encantadora e de inconfundível talento artístico. Pois é assim mesmo. Chama-se Marisa Pier Angeli, mas, em virtude do seu desempenho no filme-estréia em Hollywood, "What Price Glory", passou a ser chamada pelo nome de Marisa Pavan. E é com êste que está passando à história da cinematografia dos Estados Unidos. A irmã de Pier Angeli é encantadora. Seu nome inspirou logo muita simpatia, procedido que fôra pelo prestígio da irmã. Entretanto, mesmo sem isso, ela triunfaria fàcilmente, dadas as suas reais qualidades artísticas e espirituais. Marisa é, porém, muito modesta, e acha que sua situação foi muito beneficiada pelo nome da mana. Ela não se esqueceu do conceito do grande diretor John Ford, acêrca do temperamento espiritual que deve ter uma artista que deseja chegar ao estrelato. E Marisa está certa de que corresponderá à expectativa de todos os que confiam no seu caráter e no seu talento. Ela é irmã gêmea de Pier Angeli, e, como a sua mana, ela também é dotada de excelente moral, de mutio bom humor, e despida de vaidades tolas. Até nisso são gêmeas. O argumento do seu filme-estréia é muito sentimental e dramático. Interpreta o papel de uma jovem estudante interna de um convento francês, que sofre a dor moral de saber que o seu amado fôra morto na guerra. Sua interpretação foi tão completa, que a 20th Century-Fox lhe ofereceu contrato por longo tempo. Em conversa com repórteres, Marisa disse que muita gente se admira de ela não ser muito parecida com sua irmã Pier. Na verdade, a outra é mais alta do que ela, mais esguia, é loura e de olhos verdes. Mas isso não tem nenhuma importância, pois o mais essencial entre elas é a identidade de sentimentos, a igualdade de coração, a inclinação semelhante, uma identificação completa no campo do espírito. Quando a irmã estêve fazendo seu primeiro filme, Marisa muito sofreu com isso. E' que Pier Angeli interpretava um papel triste, melancólico, e ela sempre fôra alegre, prazenteira, sorridente. Além disso estavam elas com dezesseis anos quando a irmã estreou diante das câmaras, o que a forçou a afastar-se da irmã durante as filmagens. Mas tudo tem sua compensação, e ao fazer Pier, seu filme "Teresa", sua irmã se sentiu novamente contentíssima, como se houvesse reencontrado sua talentosa e meiga Angeli. Até aos onze anos, ambas se vestiam da mesma maneira, com modelos iguais. Mas, a partir daquela idade, Marisa pediu à sua mãe que deixasse a cada uma o direito de escolher seus modelos, conforme o gôsto individual. Nunca usaram maquilagens, pois, segundo Marisa, isso transforma bastante a pessoa que serve dessa contrafação da natureza. Elas acham que os lábios devem permanecer com os seus tons naturais, mesmo se forem pálidos. Pier é muito gastadeira. Não há dinheiro que demore em sua bôlsa. Compra tudo, enquanto Marisa é econômica, embora goste de vestir bem, com simplicidade. Enfim, pelo que vemos, as duas gêmeas têm suas diferenças... femininas.

Marisa Pavan, irmã gêmea de Pier Angeli, que firmou longo contrato com a 20th Century-Fox, após sua performance em «Wath Price Glory», ao lado de James Cagney, Dan Dailey e Corinne Calvet



Marisa exibe para os fãs original modêlo de palha, trazido de Roma, imaginado por Antonelli e tecido por uma fábrica daquela capital. O modêlo é gracioso, com suas séries de franjas



QUEM É?

A correspondência chegava à nossa mesa de trabalho. Começamos a abrir envelopes. Pedidos de fãs, reclamações sôbre a demora na saída de uma capa do artista tal e da estrêla qual, votos para que a CENA MUDA não mude do que está, e outros para que ela volte a ser exclusivamente de cinema como era **até** julho de 1942, cupãos com assinaturas de pessoas interessadas na seção grafológica, enfim, um monte de coisas a estudar, responder, ou arquivar. Mas, no meio das cartas havia um envelope de maiores proporções. Abrimo-lo e retiramos de dentro uma interessante fotografia. Olhamos as costas. Reparamos bem para ambos os lados. Nada. Nenhuma indicação de sua origem, ou do nome da retratada. Não podia haver dúvida: tratava-se de alguma artista exótica. Do cinema? De boites? Do teatro? Pela fisionomia nos pareceu alguma filha do Peru. Uma linda e morena inca. Ou será uma azteca lá do México? Ou uma cubana congueira? Sua fantasia é espetacular. Será toureira em novos indumentos? Uma sacerdotisa do Sol na região andina? Ou uma icamiaba dos confins do Amazonas? Na redação não houve quem soubesse decifrar o enigma. Então resolvemos publicar a foto. Se o leitor souber de que se trata, queira escrever-nos identificando esta mimosa artistazinha, que, pelo jeito, anda perdida nesta imensa Babel de gente, túneis, praias, ilhas, morros, sardinhas e tubarões...

O CINEMA a SERVIÇO do PROGRESSO MARROQUINO

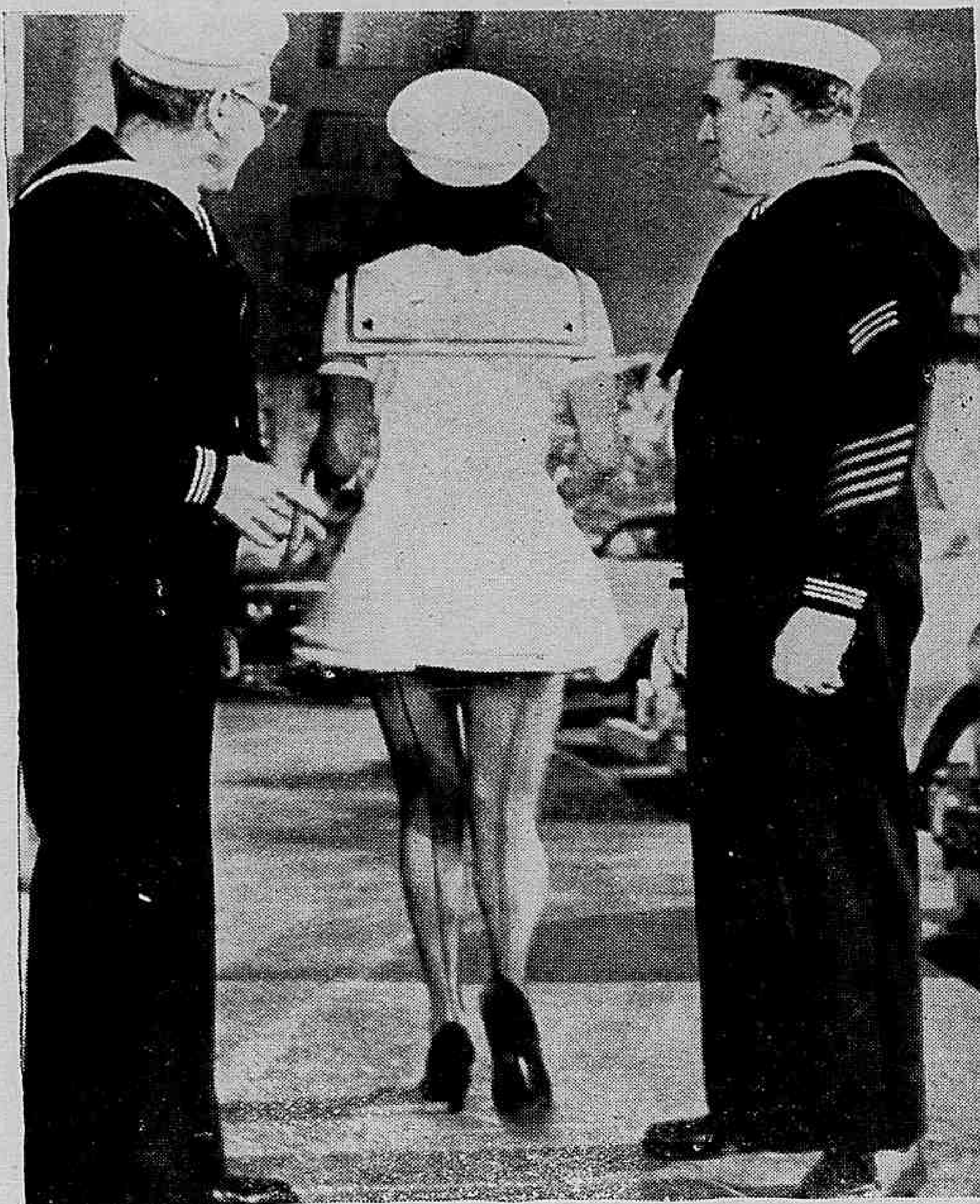
Copyright do Serviço Francês de Informação — Especial para a CENA MUDA.

Por ANITE ESTÈVE

O cinema pode exercer papel considerável na vida social. Pode contribuir para o desenvolvimento de um país, influir sôbre o seu modo de viver e de pensar, ser um agente de modernização junto a populações indígenas que não foram ainda atingidas totalmente pelo progresso.

Todos os países compreendem o proveito que se pode tirar do cinema, fator do bem-estar social para o qual tendem tôdas as nações. Por tôda a parte têm sido realizados filmes educativos, de curta ou de longa metragem, destinados a propagar o gôsto pelas novas técnicas nos meios operários assim como nos meios rurais.

Em Marrocos, essa ação está sendo exercida há muito tempo. Durante 32 anos, tem sido tentado fazer penetrar ali o progresso até mesmo nas tribos mais distantes. Com efeito, o Marechal Lyautey, por uma nota datada de 31 de dezembro de 1920, havia assinalado a necessidade de uma ação semelhante no meio muçulmano. Em 1920, quando o cinema estava ainda pouco desenvolvido, o Marechal Lyautey teve confiança no valor das imagens móveis. O Império cherifiano estava ainda, naquela época, incompletamente pacificado. Mas Lyautey queria encarar de frente a obra de pacificação e de civilização. Pensava que o cinema podia ser valioso auxílio para levar a cabo êsses dois problemas. Entretanto, foi apenas em 1934 que foi possível agir pelo cinema no conjunto do território. Por certo, tôdas as grandes cidades já estavam providas de salas de projeção. Os indígenas dessas cidades se mostram ávidos pelos espetáculos cinematográficos, preferindo a todos os outros os filmes chamados de ação, cavalgadas e lutas brutais. Aliás, são êsses os filmes preferidos pelas multidões urbanas.



Uma cena assim do «A Girl in Every Port», talvez achassem engraçada

Havia entretanto uma grande parte da população que o cinema não devia atingir tão cedo. Era a que forma a grande massa rural; a dos pequenos centros, a dos "douars" compostos de Árabes ou de Bérberes diferentes uns dos outros pela língua, pelos dialetos e pelos costumes, diferentes também no seu grau de evolução social e econômica. Foi nêles, sobretudo, que pensou Liautey quando escreveu em Rabat, a nota já citada. Começaram a ser empregados esforços nesse sentido.

Foi em 1939 que nasceu realmente uma organização metódica permitindo agir sôbre as massas rurais por intermédio do cinema. Naquele ano, um oficial francês do Serviço dos Negócios Indígenas criou grupos móveis permitindo transportar a não importa que região do "bled", mesmo a mais isolada, imagens e sons.

Era necessário, para empreender uma semelhante ação coordenada, dependendo de um único homem, que êste homem conhecesse perfeitamente a psicologia das diversas populações de Marrocos e as suas línguas. Pareceu-lhe que a única solução legítima seria fazer comentar os filmes durante a sua projeção por "speakers" especializados nos diferentes dialetos e capazes de se fazerem entender, de cada vez e em cada sessão, pelas diferentes multidões.

E agora, podemos ver, certas noites, nas praças das aldeias, ser erguida a tela branca diante da



Um filme como o nosso «Era uma vez um vagabundo», os marroquinos não entenderiam



Mas êste da Columbia, «Ten Tall Men», não podia deixar de interessar

qual se amontoam às centenas, às vêzes mesmo aos milhares, silenciosos e atentos, homens envergando os albornozes. Quando a tela se anima com as imagens luminosas, os homens reagem. Olham a tela, ouvem a voz, na sua linguagem de rudes camponeses, comentam as figuras, precisam o seu sentido, comentam a ação. A voz não nasce da cinta sonora. E' a de um homem que viu muitas vêzes o filme, que o estudou pacientemente e que vai escandindo as suas palavras na medida das imagens. Ela parte, como a imagem, do caminhão de projeção onde um operador vigia os aparelhos. Ali, de micro em punho, vendo a tela, o "speaker" vai falando, como verdadeiro técnico, também espolgado pela aventura.

E assim de povoado em povoado, grupos, caminhões cinematográficos percorrem todo o Marrocos de acôrdo com circuitos cuidadosamente estabelecidos. Dotados de aparelhos de projeção de 16 e 35mm., de amplificadores, transportando uma verdadeira cinemateca adaptada às regiões percorridas, acompanhados por um grupo electrogêneo, seguidos por um segundo caminhão — morada da equipe volante — os veículos cinematográficos são poderosos e pacíficos agentes de modernização.

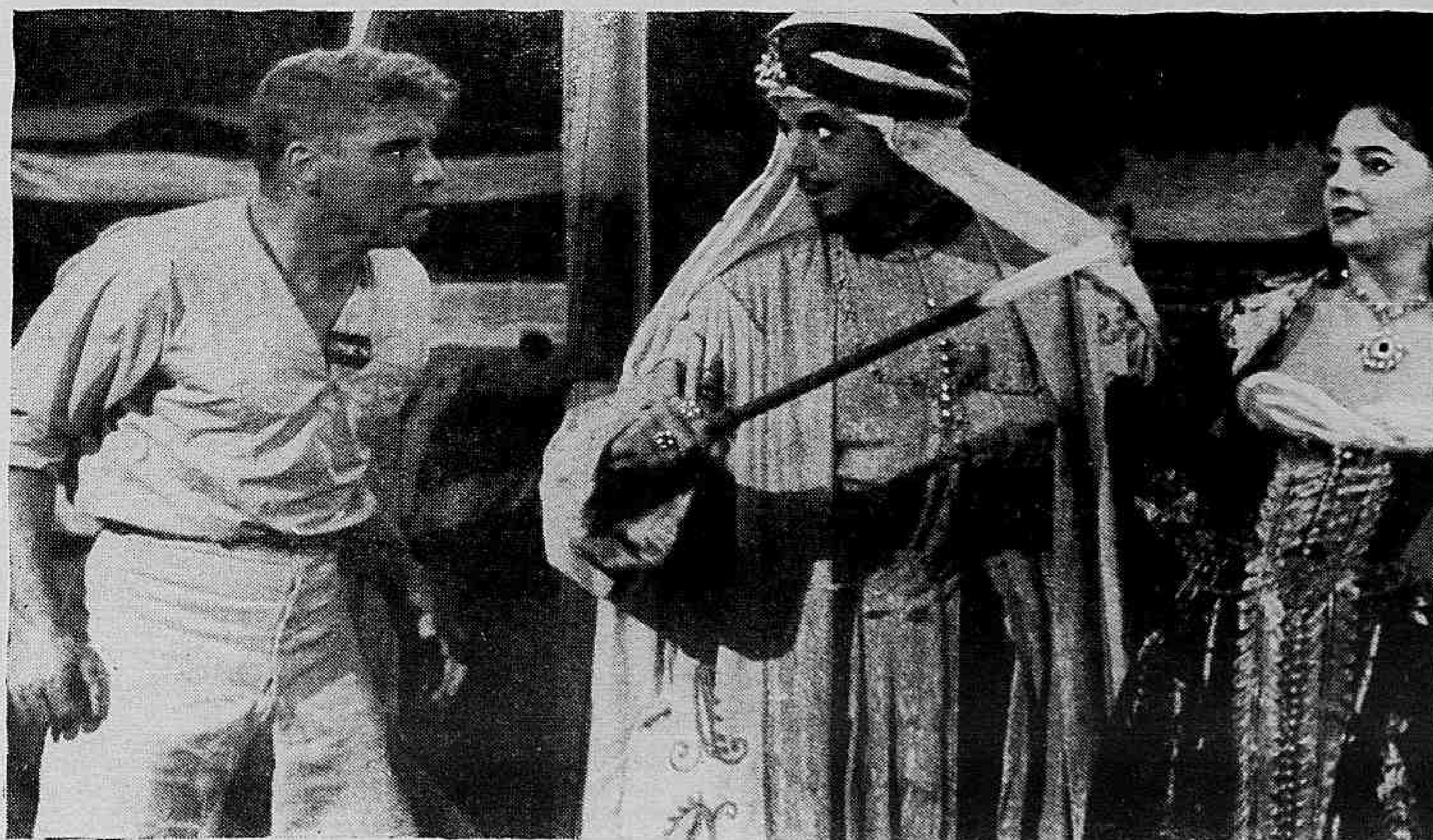
E' necessário ainda que não sejam apresentados programas muito austeros. As multidões marroquinas depressa se cansariam com os filmes ùnicamente educativos. Trata-se pois de variar os programas, de ajuntar o útil ao agradável. Depois de muitos estudos da questão, muitas experiências e tentativas, os responsáveis pelos grupos móveis constituiram programas estritamente adaptados às preferências e às necessidades locais, pois as reações dos espectadores variam conforme as tribos e as suas preocupações imediatas. Seria inútil querer apresentar no meio rural programas que tenham obtido um certo sucesso na cidade.

Milhares de sessões têm sido assim realizadas em tôda a extensão do território marroquino. A experiência das equipes móveis e as "enquêtes" sem cessar renovadas permitem ao Centro Cinematográfico Marroquino, responsável direto pela realização de numerosos documentários, dirigir a sua produção num sentido muito eficiente e escolher, com inteiro conhecimento de causa, os filmes destinados à projeção perante as multidões rurais.



Já uma coisinha assim, como o «My Wife's Best Friend», da Fox, agradaria

Um duplo esfôrço está portanto sendo desenvolvido; esfôrço de produção, para o qual são convocados os melhores cineastas da França, e esfôrço de difusão, ambos concorrendo para um mais rápido desenvolvimento de Marrocos e completando a educação das multidões.



E êste quadro ameaçando briga no mesmo filme, arrancaria aplausos dos beduínos

TUDO É RADIO

GIRANDO O DIAL

A seleção de músicas que a Emissora Continental leva ao éter diàriamente, tem deixado a desejar. Repisando certos números musicais que deveriam estar enfurnados na discoteca sob o aviso "E' proibido programar esta gravação", o responsável por êsse importante setor da D-8 *prova não possuir aptidões para o cargo ou aquela sensibilidade que caracteriza todo e qualquer discotecário. Gagliano Neto deve cuidar com o maior carinho dessa parte das transmissões da "emissora dos esportes", a fim de que os sintonizadores, caceteados com a intragável programação de música em conserva, não fujam da faixa dos* 1.030 *quilociclos.*

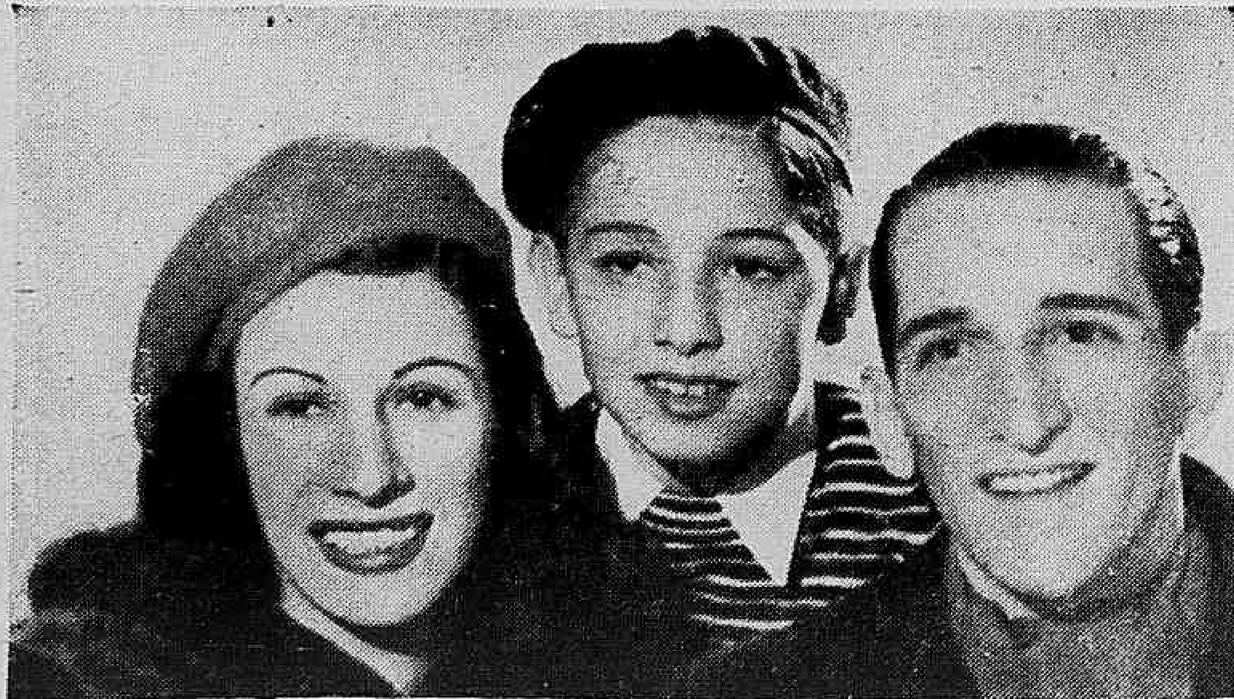
★

A Rádio Nacional está apresentando, aos domingos, se não nos enganamos às 9 *horas da manhã, o programa "Vale a pena ouvir de novo", onde são apresentados em "reprise" os principais "broadcasts" levados ao ar, há muito tempo, na própria* E-8. *Trata-se, é óbvio, de programas gravados. Até aí nada de mais, pois a idéia é das mais louváveis. O que não é correto, porém, é a emissora da Praça Mauá ocultar os nomes dos produtores e intérpretes dos referidos "broadcasts", muitos dos quais se encontram presentemente em outros prefixos. Não é correto nem interessante para o ouvinte, pois gostaríamos de saber como escrevia, cantava ou interpretava muita gente boa que anda por aí.*

★

Abelardo Barbosa é um animador "sui generis". Sem aquela loquacidade do Aérton Perlingeiro ou do João de Freitas; sem a velocidade do César de Alencar; sem as brincadeiras cacetes do Arnaldo Amaral; sem a sizudez meio-álacre do Manoel Barcelos; e sem parecer mocinho bonito que nem o Antônio Leite, a verdade manda que se diga que o "Chacrinha" — cognome que os sintonizadores lhe emprestam em face do invejável sucesso do seu "Cassino da Chacrinha" — grangeou a simpatia dos freqüentadores de auditório. Essa simpatia reflete-se diretamente no "Vesperal das Moças", programa que o "Chacrinha" anima todos os sábados, a partir das 14 *horas, diretamente do magnífico Teatro-Auditório das Associadas Cariocas, através dos* 900 *quilociclos da Rádio Tamoio. Apesar dêsse imenso prestígio de que está desfrutando junto aos senfilistas, o Abelardo não perdeu aquêle jeitão de pernambucano ingênuo mas sabido como o quê...*

MILTON SALLES



UM TRIO DE VALOR

Este não é o Trio de Ouro, mas, não resta dúvida, é um trio de valor. Que vale muito mais que pesa, já que os seus integrantes são magros. Os três — Yara Sales, Vitor Binot, Héber de Bôscoli — vêm brilhando, diàriamente, nas audições do «Trem da Alegria», que a Rádio Clube do Brasil leva ao ar diretamente do magnífico auditório do 3º andar do Ed. Cineac

DAQUI, DALI, DACOLÁ

Urbano Lóis assinou contrato com a Rádio Cruzeiro do Sul, onde deverá perceber trinta e seis mil cruzeiros mensais, além de cinco por cento sôbre a publicidade que canalizar para a PRD-2. O contrato, ao que soubemos, terá a duração de quatro anos.

★

Abelardo "Chacrinha" Barbosa vem apresentando no "Vesperal das Moças", que a Tamoio leva ao ar, todos os sábados, às duas horas da tarde, diretamente do Teatro-Auditório das Associadas, um interessante concurso para premiar as assistentes do seu movimentado programa.

★

Manoel Monteiro, que se encontra em negociações com a Rádio Nacional, acaba de gravar uma série de discos na Todamérica acompanhado pela orquestra do maestro Peruzzi.

★

A Rádio Clube lançou um novo programa de Nestor de Holanda. Trata-se de **"REVISTA DA SEMANA"**, uma audição comandada por Luís de Carvalho diretamente do novo auditório da A-3.

★

Ao que se informa Gagliano Neto pretende reformar completamente a programação da Rádio Cruzeiro do Sul, criando, inclusive, grandes programas de rádio-teatro que seriam dirigidos por Urbano Lóis.

★

Henrique Batista é o novo diretor artístico da Rádio Vera Cruz, emissora que vem apresentando, todos os sábados, às 14 horas, um interessante programa de teatro cego com peças policiais de Luís Bueno.

★

O produtor Roberto Mendes reformou contrato com a Rádio Clube, na qual Almirante acaba de fazer a sua "reentrée" no "broadcasting" guanabarino.

★

Afirma-se que o produtor Roberto Duarte, atual chefe da redação da Rádio Tupi, foi convidado para assumir a direção artística da Rádio Inconfidência de Belo Horizonte.

★

No próximo dia 5 de agôsto, na séde da Associação Brasileira de Rádio, será realizada uma assembléia geral da Associação Brasileira de Cronistas Radiofônicos a fim de se eleger os novos dirigentes da entidade que congrega os comentaristas de assuntos radiofônicos.

★

Jorge Murad lançou um programa diário na Rádio Mayrink Veiga. Trata-se de "Humuradas", que vai ao éter, diàriamente, às 20 h e 25 m.

★

Gilberto Martins, ao que se adianta, seguirá brevemente para a Paulicéia a fim de tratar da instalação da Rádio Eldorado de São Paulo.

★

Osvaldo Gouvêia, que retornou à crítica radiofônica, assinando uma seção especializada num vespertino carioca, deverá escrever alguns programas rádio-teatrais para a Rádio Mauá.

★

"A central do crime", empolgante novela de Aldo Madureira que focaliza as sensacionais aventuras do Capitão Atlas, está sendo levada ao ar, com sucesso, de segunda a sexta-feira, às 19 horas, pela Rádio Tamoio. Os principais papéis dessa história em episódios do produtor do "Telefone do amor" estão sendo desempenhados por Paulo Raimundo, Eugênia Levy e Paulo Célio.

★

Em palestra com o cronista, Paulo de Grammont, ativo diretor de "Broadcasting" da Rádio Tupi, declarou que, dentro em pouco, a veterana G-3 lançará novos e interessantes programas.

★

Alziro Zarur, ao que tudo indica, deverá chefiar o Departamento de Notícias da Rádio Eldorado, emissora que brevemente inaugurará a sua programação de estúdio.

★

Nelson Gonçalves, não tendo chegado a bom termo os entendimentos sôbre a sua excursão à Europa, pretende excursionar pelo interior do Brasil.

★

O lar do Heron "Repórter Esso" Domingues foi visitado, há dias, pela cegonha, que lhe trouxe um robusto menino, o qual, na pia batimal, receberá o nome de Heron Domingues Filho.

ABC DE ARTISTAS

JORGE CURI — E' natural de Caxambu, cidade mineira, onde nasceu a 25 de fevereiro de 1920. Sua estréia, como locutor, deu-se na Rádio de Caxambú, no dia 10 de janeiro de 1942. Era jogador de futebol e tendo vindo ao Rio fêz uma prova na Rádio Nacional e foi contratado. Começou como locutor, mas atua também como animador da "Hora do Pato" e um dos melhores locutores esportivos. E' casado, e fora do rádio, é professor da Faculdade de Odontologia

★

DICK FARNEY — Seu verdadeiro nome é Farnésio Dutra e Silva e nasceu no Rio de Janeiro, no dia 14 de novembro de 1921. Ingressou no rádio em 1937, quando estreou na Mayrink cantando melodias norte-americanas. Depois passou-se para a Rádio Nacional, dedicando-se a interpretar os nossos rítmos populares com grande expressão. Fêz inúmeras gravações de sucesso e percorreu diversas cidades do Brasil. Presentemente encontra-se em Buenos Aires, onde consegue grande êxito com as suas apresentações em "boites" e emissoras

★

CORDÉLIA FERREIRA — Ela nasceu no dia 9 de agôsto, em Paranaguá, cidade paranaense. Seu ingresso no rádio deu-se em 1936, graças a um convite de Arí Barroso para tomar parte na "Hora H", da Cruzeiro do Sul. Após alguns meses na D-2, passou-se para a Rádio Mayrink Veiga, onde continua atuando com grande destaque. E' viúva do saudoso Plácido Ferreira, um dos pioneiros do rádio-teatro no "broadcasting" guanabarino



SUCESSO DE DALVA EM LONDRES

A nossa Dalva de Oliveira, aquela que entregou a coroa de «Rainha do Rádio» à estonteante Mary Gonçalves, está brilhando intensamente em Londres. Isso, para nós, não constitui surprêsa, pois a excelente cantora é estrêla de primeira grandeza do «broadcasting» brasileiro e, como tal, brilha com a mesma intensidade em qualquer lugar. Na capital da velha Albion, além de gravar com a famosa orquestra de Roberto Inglês, um dos poucos amigos da música brasileira no exterior, a criadora de «Que será?» também está atuando na poderosa BBC de Londres, a emissora-padrão. Isso, para uma cantora popular, é bastante significativo

VALE A PENA SABER...

Doris Monteiro iniciou a sua carreira vencendo com brilhantismo um programa de novatos. À custa de uma vontade férrea, impôs-se como segura intérprete dos nossos ritmos populares, apesar do sangue português pulsar-lhe nas veias.

★

O novelista Raimundo Lopes, atualmente na Rádio Mayrink Veiga, já foi guarda-municipal na capital bandeirante.

★

Waldir Azevedo foi, durante muito tempo, motorista de praça. O dia, porém, em que êle sofreu um desastre, ali na altura do Maracanã — desastre êsse que quase lhe custou a vida — abandonou o volante. Como profissional, bem entendido...

★

Antônio Leite, antes de ingressar no rádio, era completamente gago. Como o célebre Demóstenes, teve fôrça de vontade e eliminou êsse defeito. Hoje é um dos mais corretos galãs e um dos animadores mais velozes do "broadcasting" carioca.

★

Lamartine Babo fêz a sua estréia na radiofonia cantando, de graça, na antiga Rádio Educadora do Brasil, hoje Rádio Tamoio. Isso aconteceu em 1929, quando o nosso rádio existia graças aos esforços de alguns abnegados.

★

Silvino Neto já foi cantor de tangos, tendo atuado durante muito tempo com o pseudônimo de Pablo Gonzalez.

★

Aldo Madureira é o produtor da Tamoio que mais rápido escreve à máquina. Se alguém lhe perguntar a razão por que êle sempre escreve apressadamente, batendo todos os recordes de dactilografia, ouve, invariàvelmente ,esta resposta: "Você sabe, né? E' preciso captar o pensamento como êle vem. Se eu não acompanhar o ritmo das idéias que brotam do meu cérebro, o papel fica em branco..."



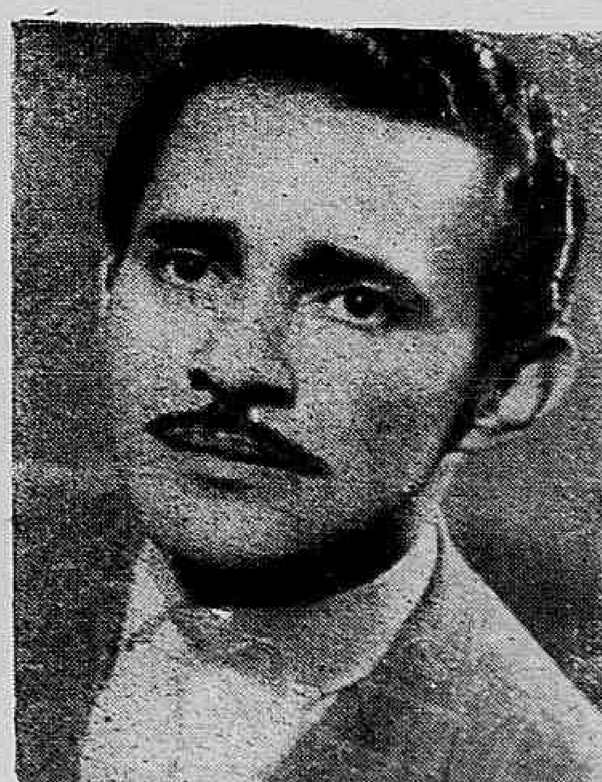
Novo ainda, Oliveira Neto é um dos mais populares diretores de programas do rádio carioca. Dirigindo a «Boa Tarde da Tamoio», veterano cartaz da B-7, êle se fêz credor da admiração e da simpatia dos sintonizadores



Êle veio de Pernambuco, onde desfrutava de excelente situação, para vencer no rádio guanabarino. Ingressando na Tupi, tem sido bastante prestigiado por Paulo de Grammont, que sabe ser Roberto Linhares um jovem de valor



Dulce Martins é uma das mais perfeitas ingênuas do sem fio carioca. Além de interpretar outros papéis, na Rádio Nacional, ela personifica a apaixonada «Isabel Cristina» de «O direito de nascer», a novela que todos ouvem



Marques da Silva, o poeta capixaba, é uma das mais populares figuras da Rádio Tamoio. Quer comandando a «Hora Sertaneja» quer tomando parte nos espetáculos de rádio-teatro, êle é um artista cem por cento agradável de se ouvir

UM EDIFÍCIO QUE BALANÇA... MAS NÃO CAI!

A HISTÓRIA DO "BALANÇA" — TAPOU A BRECHA DA "PRK-30"... — DONO ABSOLUTO DO HORÁRIO 20,30-20,55 -- OS CRIADORES DE SEUS TIPOS -- A MAIOR PRODUÇÃO RADIOFÔNICA DE MAX NUNES

Reportagem de **OTTON CORRÊA**

Fotos de **ALBERTO FERREIRA**



O «primo rico» e o «primo pobre» são, não resta dúvida, a atração do «Balança». Neste curioso flagrante, aparece o «primo rico» (Paulo Gracindo), quando ia fazer uma das suas com o «primo pobre» (Brandão Filho)

HÁ cêrca de um ano e meio, o horário das 20 h e 30 m do rádio carioca está tomado pelo "Edifício Balança, Mas Não Cai", programa humorístico produzido pela dupla Max Nunes-Paulo Gracindo, e mandado ao éter através das ondas da Rádio Nacional. Fazendo graça sem atingir às raias do baixo humorismo, Paulo e Max têm conseguido atrair milhares de ouvintes para a PRE-8.

★

Os seus sintonizadores, temos certeza, gostariam de saber algo da história do "Balança". Dessa maneira, para saciar-lhes a natural curiosidade, relataremos o que nos foi solicitamente adiantado pelo bonachão Max Nunes.

Estamos em agôsto de 1950. A doença do condomínio grassava por tôda a Sebastianópolis. Max, como é do seu feitio, produzia intensamente para a Nacional. Entretanto, guardava no cofre um bom número de tipos que a qualquer momento poderiam ser jogados dentro de um "broadcast" bem humorado. Não querendo vulgarizá-los, pensava no bom aproveitamento dos mesmos. Não havia ainda clima para o seu lançamento.

A leitura de um vespertino abriu os olhos do filho de Terra de Sena. Max abrira o jornal justamente na secção imobiliária. Duas palavras eram usadas com abundância: edifício e condomínio. Pronto! Surgira afinal a grande "chance" ao produtor do "Enquanto o mundo gira". Construiria um edifício radiofônico e daria morada a todos os seus mofados tipos. Num edifício bem revestido humorìsticamente, êles poderiam comunicar-se com mais facilidade. Apresentou, incontinenti, a idéia aos superiores recebendo pronta aprovação. Assim, surgiu o sintonizadíssimo "Edifício Balança, Mas Não Cai". Daí para o êxito, foi rápido.

★

E' interessante ressaltar que o "Balança" foi encaixado na brecha d e i x a d a pela malfadada "PRK-30", pois Lauro Borges e Castro Barbosa estavam gozando férias. Não sendo renovados seus contratos, surgiu providencialmente a criação de Max Nunes para salvar o horário...

Agradando em cheio, o programa tomou um pulso extraordinário, e Max foi obrigado a pedir o auxílio do Construtor Mário Bra-



«Mengo, tu é o maior!» E o incrível «Peladinho», o personagem mais festejado entre os fãs do futebol, critica com uma verve gostosíssima as jogadas do Esquerdinha ou o fracasso do «Dr. Fluminense», fazendo as gargalhadas espoucarem no auditório da Nacional



«Calma, pessoal! Isso não é o lulu da madame, não! E' a minha gambá que está sentindo frio e eu estou esquentando-a!» E o Germano faz o auditório cair na gargalhada com as suas «boutades» deliciosas



Estes são os dois maestros daquele «dobrado» que enche as medidas: Altivo Diniz e Apolo Corrêa. Êles se compenetram tanto dos papéis que vivem, que, fora do programa, é comum encontrá-los assim...

sini, que formou dupla com êle até maio do ano corrente. De junho em diante, Paulo Gracindo associou seu nome ao do criador do maior cartaz humorístico do rádio brasileiro. Seus interêsse e idéias se coadunaram e até hoje tudo tem corrido às mil maravilhas.

★

Numa dessas últimas sextas-feiras, estivemos presentes ao ensáio e à respectiva irradiação do "Balança". Num ambiente de completa rigidez, Floriano Faissal, seu diretor desde o início, acertava as **falhas** de alguns rádio-atores, supervisionado pelos dois produtores. Ao término do mesmo, cêrca de 20h. e 10m. mais ou menos, tivemos oportunidade de palestrar com o talentoso Max Nunes e com o não menos valoroso Paulo Gracindo, sem dúvida uma grande promessa no campo da produção.

Disse-nos Max que, antes de lançarem um novo tipo, êles o estudam psicològicamente, prevendo uma boa ou má ressonância entre os sintonizadores. Os radiouvintes também mandam no "Balança", pôsto que podem exigir a volta ou a retirada dos diversos tipos apresentados no maior cartaz sextafeirino da emissora de Vítor Costa. Um detalhe que merece destaque, é o que os tipos não chegam a se estereotipar pois são retirados dos "scripts" assim que atinjam um certo número de audições, dando lugar a outros que permaneciam na gaveta à espera de uma oportunidade. A dupla não descança e já estão sendo imaginados novos tipos que, na certa, serão lançados com grande sucesso.

★

Invejável também é a grande correspondência do "Balança". "As mãos" e "As Marias", dois extravasamentos poéticos dos produtores, irradiados, receberam milhares de pedidos de cópias, atestando sua grande audiência. Na galeria dos tipos que já foram retirados do cartaz, mas que poderão retornar a qualquer momento, encontramos o "Foleado óro" (Alfredo Viviani), "Benzoco" e "Benzoca" (Wellington Botelho e Déa Selva), "Camões" (Saint-Clair Lopes), "Com barba" e "Sem barba" (Floriano Faissal e Barbosa Júnior), "Há sinceridade nisso?" (Paulo Gracindo), "Coração de mãe" (Ema D'avila), "Quarta" e "Sexta" (Apolo Correia e Alfredo Viviani), "Curió" (Floriano Faissal), e o seu "Pouco-pouco", Paulo Gracindo.

Os atuais são: "Os dois maestros" (Altivo Diniz e Apolo Correia) "Peladinho", o pavor da torcida rubro-negra, (o incrível Germano), "Primo rico" e "Primo pobre" (Brandão Filho e Paulo Gracindo), "Tudo é lucro" (Wellington Botelho), figurando ainda em tipos eventuais as figuras de Ítala Ferreira, Nilza Magrassi, Cazarré e Floriano Faissal. A narração pertence a Afrânio Rodrigues, as passagens musicais à Orquestra de Chiquinho, e a locução comercial está afeta a Alberto Cury e Lúcia Helena.

★

Aventando a possibilidade de o "broadcast" ser retirado da programação, recebemos uma afirmação contrária de Max, que nos afiançou que o mesmo só seria pôsto de lado se o anunciante e a alta direção da Nacional assim resolvessem. Em outras palvras, quís dizer que o programa não pararia nunca, pois além de ser um dos campeões de audiência, Max Nunes nos garantiu que o "Balança" é, até à data presente, a sua maior produção radiofônica. Isto é tudo para que o edifício continue de pé...



Nilza Magrassi e Ítala Ferreira não vivem papéis fixos no consagrado programa de Max Nunes e Paulo Gracindo. São, porém, dois pontos altos da audição mais ouvida das sextas-feiras. Ei-las divertindo-se com uma piada dos colegas, durante o ensaio



Três das mais populares figuras do mais popu'ar dos programas de rádio: Brandão Filho (reparem na sua cara de «primo pobre»), Paulo Gracindo (co-produtor da audição) e Afrânio Rodrigues, narrador



O ensaio, como sempre, é comandado por Floriano Faissal, que ganhou inúmeros passarinhos de presente dos ouvintes quando interpretava o homem que queria vender um curió... Ao fundo, Max Nunes acompanha atenciosamente a marcha do ensaio



Uma das fases do aplaudido programa da E-8: Ítala Ferreira, personificando uma vizinha curiosa, pergunta por que Wellington Botelho afirma com satisfação: «Tudo é lucro! Tudo é lucro». E êste gostosamente explica: «Não é lucro p'ra mim, que saio de costas na fotografia, mas é lucro p'ra CENA!»



Todos a postos, vai começar o programa! Lúcia Helena prepara-se para abrir a audição, enquanto a turma do «Balança, mas não cai» diverte-se ainda com as interessantes piadas do «broadcast» mais sintonizado do rádio carioca

ORFEU

CENARIO E DIALOGO DE JEAN COCTEAU

De JEAN COCTEAU

Jean Marais	ORFEU
Maria Casarès	A PRINCESA
François Pèrier	HEURTEBISE
Edouard Lhermitte	CELESTE
Marie Dea	EURIDICE

EU quis, como para TRISTÃO E ISOLDA em L'ETERNEL RETOUR, adaptar à nossa época a lenda de ORFEU, a mais bela de tôdas.

Mas, ao adaptar ORFEU, quis conservar a atmosfera de milagre que lhe é própria e que fêz o sucesso na América de LE SANG D'UN POÈTE e de LA BELLE ET LA BÊTE.

Os personagens miraculosos, a MORTE e seu auxiliar HEURTEBISE, por exemplo, apresentar-se-ão ao público, como uma dama de grande elegância e seu chofer. Um grande papel será desempenhado pelo automóvel da MORTE (A PRINCESA), automóvel que fala graças ao rádio, o que permite traduzir o mito dos animais que falam e de representá-lo de uma forma familiar à nossa época.

ORFEU é o poeta. Porém êle recebe as honras oficiais e sua glória é um pouco desprezada pelas capelinhas literárias. Fazemno sentir isso, duramente, no Café dos Poetas (Café de Flore) onde o filme começa (faço questão de fixar a espantosa atmosfera de 1940). E' aí que êle encontra pela primeira vez (e sem desconfiar quem ela é) a MORTE, sob a forma de uma princesa extremamente elegante e que freqüenta a juventude vanguardista.

O filme começa como um filme policial e é o estilo policial que êle conserva do comêço ao fim, para satisfazer ao mesmo tempo às pessoas que só querem aceitar seu próprio estilo e o grande público que quer apaixonar-se pelo entrecho.

Ver-se-ão os personagens (sem largar um segundo o fio da história e o da lenda) percorrer nosso mundo e o outro; uma zona intermediária entre a vida e a morte definitiva, zona da qual Christian Bérard, antes de morrer, tinha preparado genialmente os cenários.

Essa perseguição de EURIDICE por ORFEU de ORFEU pela MORTE, essa intriga de ciúmes entre as pessoas da terra e as do outro mundo, essa famosa história de ORFEU indo buscar sua mulher dentre os mortos, trazendo-a com a condição de não olhar para ela, olhando-a e perdendo-a uma segunda vez, as maquinações da MORTE a fim de separar os dois esposos e de tomar a responsabilidade de manobras das quais não tinha sido encarregada pelo outro mundo, as notificações do outro mundo à MORTE que entrega os dois esposos um ao outro e se faz prender pela polícia dos Infernos — todos êsses atos perfeitamente irreais estão ligados com o rigor de um filme realista (e representados sob uma forma realista). Cada seqüência e cada cena se apresentam sob a forma de cômicos, trágicos ou estranhos que me permitirão conservar meu estilo de poeta sem nunca largar o fio indispensável para conduzir do comêço ao fim uma história para excitar o interêsse das massas por aquilo que as faz sair da mediocridade de todos os dias.



Por DURVAL FONSÊCA

Quando fui assistir ao filme "CREPÚSCULO DOS DEUSES", tive o cuidado de levar um sobrinho, fã dos artistas de hoje, para ouvir a sua apreciação sôbre o trabalho da "estrêla" do filme, que para êle era uma artista desconhecida, e para mim fã da velha guarda, era uma preciosidade de velhas recordações. Tive o cuidado de não lhe dar informações a respeito de Gloria Swanson, para que êle tivesse liberdade de comentar, e julgar, sem querer agradar-me, pois Gloria Swanson, é uma das minhas "estrêlas favoritas.

Êle assistiu ao filme e deu-me a sua impressão. Tinha-o achado bom, e lamentava não ter visto filmes de Norma Desmond, pois segundo o filme mostrava, tratava-se da figura de uma "estrêla" famosa do cinema mudo. Ri-me bastante da ingenuidade do rapaz, mas não o estranhei, porque ao meu lado durante a projeção uma senhorita comentava que o filme era baseado na vida de Norma Shearer.

Mas, nem o meu sobrinho, nem a senhorita ao lado, devem levar a sério a brincadeira dos produtores do cinema, que fazem um filme e põem um nome qualquer para a principal figura. Aquela história de Norma Desmond era uma quase biografia da própria Gloria Swanson, que conheci fazendo uma das banhista de Mack Sennet, e que terminou como uma das grandes figuras do cinema, vivendo filmes maravilhosos, como "MACHO E FÊMEA" ao lado de um elenco de "estrêlas".

Gloria Swanson, voltou ao cinema depois de uma ausência de quase 20 anos, e voltou em grande forma, vivendo a figura de Norma Desmond; tôda a película, é Gloria Swanson, e ela domina com a sua figura impressionante, pois apesar dos anos ainda é belíssima.

A Academia de Artes de Hollywood, cometeu mais uma injustiça, premiando a comediante June Holyday, quando o prêmio pertence a Gloria pela sua interpretaçãoção impecável. Existe momentos memoráveis no filme, e posso citar dois que se destacam dos demais; o primeiro, quando o porteiro da Paramount barra a entrada da "estrêla" e o chefe da guarda vem ao seu encontro fazendo-a entrar com tôdas as honras, continuando as cenas com o refletor para que todos vejam Norma Desmond, os fãs em tôrno dela, até o desfecho quando Cecil B. de Mille vem trazê-la à porta. E o outro é a expressão de terror quando Norma Desmond vê passar a sua frente o microfone, símbolo da derrocada dos astros do cinema mudo.

Gloria Swanson, sua vida cheia de aventuras, seus caprichos, seus casamentos, suas disputas com Pola Negri, e Mabel Normand, seus filmes memoráveis, dominaram uma década, seus fãs estavam espalhadas por tôdas as partes do mundo. E ela mesma quando exibe para William Holden um filme seu dos velhos tempos, diz uma frase, que a faço minha também. Hoje o cinema não tem vedetes assim.

Esta portanto é uma página dedicada a Gloria Swanson, à sua volta triunfal, e aos fãs de hoje, que ignoram quem foi Gloria Swanson, ídolo da velha geração e que poderá ainda em papéis adequados à sua personalidade impressionar os fãs da nova geração.

"Crepúsculo dos Deuses" é um filme muito bem feito, a sua história agrada em cheio, e para os fãs do cinema mudo, é um verdadeiro museu, onde vemos desfilar artistas como Buster Keaton, H B. Warner, Ann Q. Nilson, que tiveram os seus dias de glória e hoje ainda aparecem dando vida a cenas magistrais de filmes despretensiosos como êsse, e que podem ser considerados obras primas pela honestidade da sua história e dos seus intérpretes.

Gloria que vem atuando nos teatros da Broadway, encontrando filmes onde existam personagens adequadas para o seu temperamento artístico, ainda brilhará nas marquises dos cinemas, pois artistas do seu tempo ainda continuam brilhando, como Joan Grawford, Ethel Barrymore, Lionel Barrymore, Lewis Stone, Eric Von Stroheim, Clarck Gable, etc.

E para aquela senhorita, aqui vai a minha lição: NORMA SHEARER, que foi por muitos anos a "estrêla" favorita dos filmes da Metro Goldwyn Mayer, ainda vive, e continua afastada do cinema; a sua vida não teve a auréola agitada de Gloria Swanson; Norma Shearer era uma espécie de Ingrid Bergman (sem Rosselini) nos seus tempos na América. Norminha, era a rainha da Metro, e considerada a Primeira Dama do Cinema Americano. Viúva de Irving Tralberg, casou-se outra vez há muitos anos e vive felicíssima com o espôso. Embora em Hollywood, está longe das câmeras e ainda tem a personalidade e beleza de vinte anos atrás.

Norme Shearer, Gloria Swanson, Pola Negri, Joan Grawford, Wilma Banky, Constance Talmadge, Mary Pickford, e Janet Gaynor eram as minhas favoritas. E é justamente com o retôrno de Gloria que êstes nomes se tornam mais queridos para mim pois ainda poderiam brilhar como nos velhos tempos.

★

MINHA OPINIÃO SÔBRE CINEMA

CLÉLIA DE ASSIS

Gosto de cinema.

Quando o filme é instrutivo, acho ótimo.

Os filmes humorísticos são esplêndidos desentorpecentes quando se está com o cérebro repleto das acres realidades da vida.

Não adoto os filmes fúteis em demasia que enfaram à vista e ao espírito.

Também excluo aquêles que são nocivos à alma e corrompem a moral da sociedade.

Embora pense que o mau filme ou a má leitura não deturpam o caráter nato do indivíduo, não deixam de impressionar, e entre público numeroso, existem aquêles caracteres mais fracos que, revestindo-se do lustre de sutil educação, mais cedo ou tarde deixam-se arrastar pelos reflexos prejudiciais dêsses elementos.

Compreendem-me?

Por exemplo: eu creio que alguém poderia sem desvantagem para a sua personalidade assistir a filmes nocivos.

Nada influiriam e em nada mudariam a sua moral, mesmo que o conseguissem abalar, se o alguém, tem por natureza uma personalidade sua, forte e indestrutível.

Porém, uma pessoa de índole fraca, fàcilmente deixar-se-á le-

(Cont. na pág. 31)



Exame Caligráfico e Exame Grafológico

Muita gente confunde o exame caligráfico com o exame grafológico. Contudo não há nada tão distinto.

No exame caligráfico o técnico se limita à apreciação das qualidades intrínsecas do grafismo, sem se ater, absolutamente, à feição psicológica da escrita e ás resultantes que possa ter, físicas, morais e intelectuais.

Em medindo a abertura angular de um N ou a curva pronunciada de um S, por exemplo, o técnico caligráfico não relaciona, nem a expressão da primeira, nem a forma da segunda letra, ás qualidades morais ou ao temperamento da pessoa que as tenha grafado. Êle disseca a escrita como o anatomista disseca o cadáver. Ambos têm o mesmo sentido material do fato, na sua realidade objetiva. O sentido subjetivo lhes escapa inteiramente. E' êsse, aliás, o fundamento das chamadas ciências de observação, fundamento, não obstante, eivado de falhas e de exceções, mas que ainda é a norma e o norte das ciências ditas experimentais.

O método caligráfico, podemos dizer,, é um método morto, inanimado. O método grafológico é um método vivo, tem movimento. O primeiro é puramente matemático. A medida é o seu fundamento. O segundo é metafísico. A dedução, o raciocínio e a experiência lhe formam a base sôbre que se ergue o seu magestoso edifício.

O método caligráfico está para o método grafológico como a astronomia está para a astrologia.

Que importa saber, por exemplo, as gigantescas dimensões de um sol perdido no fundo dos céus, a massa enorme e incalculável de uma estrêla da constelação do Centauro, se continuamos a ignorar a próxima curva do nosso destino?

Que importa saber, na v rdade, que determinado indivíduo traça as maiúsculas de modo desproporcional e desigual, se continuamos a lhe desconhecer o caráter, a moral, o temperamento e todo o s u modo de ser?

A asc ndência do método grafológico de análise, sôbre o caligráfico, está justamente nisto: a grafologia não se limita a dizer como uma determinada pessoa escreve. Ela vai além, dando-nos através da forma do grafismo, o caráter do seu autor, sua natureza, suas emoções, sua sensibilidade e a sua psicologia. A vantagem é extraordinária, evidentemente.

Contra o esgotamento físico e mental!
VINHO DA VIDA
VINOVITA
RENOVADOR DAS FÔRÇAS
É tônico poderoso

RESPOSTA AS CONSULTAS RECEBIDAS ATÉ 17-7-52

Nº 7 — **Juriti Ramos de Oliveira — Rua do Lavradio, 820 — Rio** — E' em atenção à idade da consulente e também em homenagem à sinceridade com que agiu, que concordamos em lhe dar esta resposta nos termos do pedido que nos fêz.

Seu tipo de letra é bom, claro, regular e nítido. Denota um bom coração e uma inteligência bem interessante. A consulente, além do mais, é uma pessoa econômica, ansiosa e tímida em questões sentimentais. Vemos, igualmente, que não dispensa o devido cuidado à própria apresentação.

Seus dotes artísticos são diminutos. A consulente, porém, poderá desenvolvê-los, melhorando assim, as possibilidades que a natureza lhe concedeu.

Algo lhe perturba, presentemente, o espírito. Suas idéias estão saindo meio desencontradas.

Encontramos nos complexos que o grafismo apresenta, revelando-lhe uma vida interior agitada, em contraste com a serenidade das atitudes, o ponto de afinidade com o **astro** de sua predileção. Êle também é assim, uma espécie de vulcão submarino.

Nº 8 — **Maria Gladys A. Cornelio — Rua 13 de Maio — Sto. Amaro — S. Paulo** — Seu grafismo assim tão forte, grande e arredondado, vertical e apoiado, não lhe confere, não obstante, uma personalidade marcante. Falta-lhe vontad .

Seus predicados, porém, são bons, tanto no que diz respeito aos costumes como no que se refere ao espírito. Tem, igualmente, um coração bem formado.

Se tem aspirações artísticas fique sabendo que ainda lhe falta muita coisa para atingir o objetivo. Vá educado a voz, pois o canto será o seu caminho mais fácil para a realização dos seus justos propósitos de moça.

Suas afinidades com o «astro» escolhido, são das que se devem à lei dos contrários: **Contraria, contrariis curantur.**

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... Profissão ....

Residência ....

MANDE TAMBÉM...

(Cont. da pág. 30)

var por perturbação maior até à modificação a que seu caráter é acessível.

Assim, julgo que o filme ou livro **maus**, influem nos caracteres fracos, propensos àqueles, mesmo que tais caracteres estejam revestidos de conselhos morais e sermões espirituais, e não modificarão os caracteres inabaláveis.

Não sei se me fiz entender; mas, é por enquanto, tudo o que eu poderia falar quanto a cinema.

★

Se eu fôsse comentar os filmes que em Quipapá, tenho visto, destacaria os que mais impressões causaram no povo da terra e em mim mesma. "Sempre no meu coração", é um filme aconselhavel. Possui uma moral inconfundível. O enrêdo é bom e os artistas trabalham com naturalidade, dando-nos a visão do real e comovendo-nos, de fato.

"Pervertida" — não é lá muito digno de menção. Há cenas filmadas em ambientes mais ou menos torpes que tiram por si o que há de aproveitável.

"Sindbad, o marujo" — agradou bastante, apesar da infantilidade da história. Sòmente os intérpretes pagavam a pena...

"Os Sinos de Santa Maria" — Muito bom. Todos gostaram. Houve projeção sucessiva, tal a avalanche de pessoas que acorriam ansiosas de vê-lo.

"Casablanca" — idem.

"Os Mistérios da Vida" — assombroso. A relação de sujeitos que ficam preocupados com o futuro por sonhos ou predições de adivinhos.

Como a pessoa sob o poder duma idéia é capaz de cometer desatinos! Obceca-se com aquilo e acabou-se! Fica completamente alucinada.

"O Sétimo Véu" — Sofrível história de corações, desvendada por arte hipnótica.

"Adversidade" — com a formosa Olivia de Haviland — Emocionante.

"Sangue na Lua" — razoável; "Arrisca-te Mulher" — idem.

"Um amor em cada vida", "Um Lírio na Cruz", etc., etc.

★

Como poderia descrever tudo isto?

Seria forçada a desfilar um magote de filmes na memória e estacando ante cada um, relatá-lo.

Não tenho prática no assunto.

Poupa-me?

Treinarei sôbre o caso e, futuramente, talvez **A CENA MUDA**, seja atendida como merece.

"Très bien?"

Quipapá — Pernambuco.

"Ainda há Sol em minha vida"

(THE BLUE VEIL)
Filme da RKO Radio

ELENCO:

LOUISE	**JANE WYMAN**
BEGLEY	**CHARLES LAUGHTON**
ANNIE	**JOAN BLONDELL**
KEAN	**RICHARD CARLSON**
HELEN	**AUDREY TOTTER**

E mais **AGNES MOOREHEAD, DON TAYLOR, NATALIE WOOD, VIVIAN VANCE** e outros

PRODUÇAO DE **JERRY WALD E NORMAN KRASNA** ★ DIREÇÃO DE **CURTIS BERNHARDT** ★ HISTÓRIA DE **FRANÇOIS CAMPAUX** ★ SCREEN-PLAY DE **NORMAN KORVIN**

SINOPSE

"Quem cria um filho da própria carne, vive com a natureza; quem cria um filho de outro, vive com Deus" — MERITAS.

★

LOUISE, que tanta ternura abriga em seu jovem coração de espôsa e mãe, vê-se sem o confôrto da presença do marido, desaparecido na França, e de seu lindo bebê, morto nos seus primeiros dias de vida. Procura, então, um emprêgo que lhe dará o pão de cada dia e o consôlo para sua alma ferida. Por acaso, ou por determinação dos desígnios de Deus, só consegue um lugar de "nurse", em casa do rico viúvo Begley. Será por quinze dias apenas, pensa, até que lhe arranjem uma substituta... Mas o tempo vai passando, e ela se afeiçôa ao garôto que a sorte lhe pusera nos

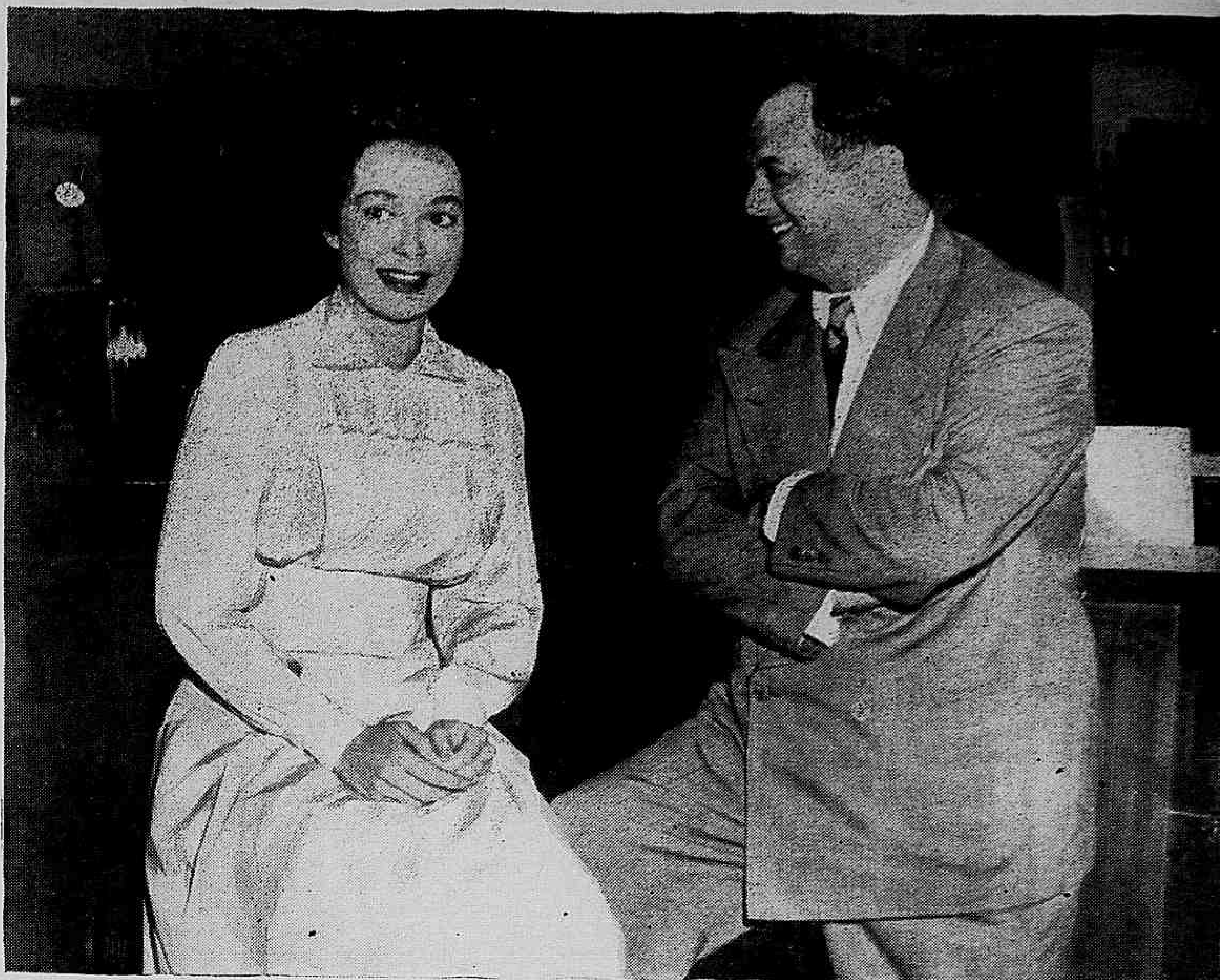


Ela não tinha filhos; mas dedicava tôda a sua ternura na proteção dos filhos alheios.

braços, reavivando os tesouros do seu coração maternal. Deixa-se ficar naquela grande mansão, no doce enleio de cuidar do pequenino órfão do carinho materno. Begley, a quem a solidão e o dinheiro começam a pesar, propõe-lhe casamento. Louise, tranqüila e digna, recusa-o suavemente, pois não o ama. E o poderoso comerciante resolve, então, desposar a sua secretária, que ambicionava essa oportunidade e que procura logo afastar Louise de casa. Que fazer, sòzinha e sem uma criança nos braços, a quem dedicar todo o seu afeto? Louise só tem um caminho, agora: procurar outro lar, onde haja um pequeno ser a quem possa servir e adorar... E, assim, traça ela todo o seu destino. Aceita na residência da trêfega Annie, artista teatral, é para a sua filha Stephanie uma verdadeira mãe... até o dia em que percebe estar "roubando", sem querer, o afeto que a menina deve à sua genitora. Mais uma vez é preciso partir, sufocar as próprias lágrimas, ir em busca de outro "baby", de outra morada alheia, de outra dedicação...

Conrad, o dono da loja de brinquedos, onde ela costuma comprar as bolas, os bonecos e os soldadinhos de chumbo para os garotos de que cuida tão maternalmente, faz-lhe ponderações sensatas acêrca do rumo que está dando à sua vida. E' êle um homem bom, porém algo nervoso, que muito a estima e admira. E é também só... Entretanto, não tem a coragem de dizer abertamente que gostaria de casar-se com ela, tão serena é Louise na sua atitude amistosa e tão confiante e feliz se mostra com as suas ocupações. E a existência prossegue assim, para a moça. Um novo emprêgo, desta feita em um quase palácio, onde sorri a graça infantil de Robbie Palfrey. Certo dia, ali chega um preceptor, Kean, trazendo outro filho dos Palfrey. Há um esbôço de romance para a tímida Louise. Kean, que permanecera ali à espera de um lugar melhor como professor, apaixona-se, de fato, por ela. E, ao chegar o telegrama que lhe anuncia a sua designação para um estabelecimento francês na Síria, convida-a a acompanhá-lo como sua espôsa. Ela o ama, sem dúvida; mas Robbie precisa de sua atenção, do seu trabalho, do seu desvêlo... E Louise, que chega a abandonar a criança e a casa, para ir embora, junto com Kean, acaba regressando, saudosa e já conformada com os imperativos maiores do seu ideal ! Robbie cresce, é lógico, e ela naturalmente tem que o deixar, por outro menino, que seja menor, que careça de mais cuidados, de outras tantas noites quase em claro, ao pé do seu berço, quando isso fôr preciso; que venha a aprender dos seus lábios puros, as primeiras palavras; que ensaie por suas mãos diligentes, os primeiros passos indecisos... E êsse menino é Tony, aquêle que lhe dará maiores preocupações, e que, portanto, será o mais amado. Trata-se do filho único de um casal, que a guerra leva para longe. Morre-lhe o pai, e a mãe se casa de nôvo.

(Continua na pág 34)


A famosa estrêla conversa com o produtor Jerry Wald, num dos «sets» de «Ainda há sol em minha vida»


Jane Wyman, numa cena do empolgante «Belinda», com Lew Ayres, um dos mais belos filmes do mundo





acaba com as Brotoejas



COMO EU VI . . .

(Cont. da pág. 16)

roupas caem, e ela fica em pleno palco sòmente de calcinhas. Atualmente esta consagrada atriz termina o curso de dança clássica. Êste nosso breve encontro se deu quando Carla Del Poggio voltava de uma das aulas.

Após nossa conversa Carla se despediu e convidou-me para um lanche no dia seguinte, quando teria de voltar à cidade para os preparativos, a fim de, juntamente com seu espôso, partirem em férias. Seguimos juntos e Mme. Lattuada foi dizendo: — Viu, eu sou ainda a mesma pequena que nadava e cavalgava antigamente; só que agora sou uma senhora, e meu tempo diminuiu grandemente, pois tenho que prestar grande atencão ao meu espôso e estudar cada vez mais. Gosto de passeios, bons livros e de diversões noturnas. Não bebo nem fumo. Adoro o meu lar assim como também aos meus. Sou amiga de todos e gosto de tudo que é natural.

REBENTO SELVAGEM

(Cont. da pág. 19)

seu filho adormecido, exausto das aventuras do dia. Consentira em deixá-lo partir com o bom marujo e logo correra em busca de seu amante, suplicando-lhe que a levasse em sua companhia. Bem, disse êle, por fim, impaciente — vai arrumar as tuas malas. Passarei lá as oito horas de táxi, para apanharte... Às oito horas, um táxi parou diante do hotel do senhor Paul, mas Annie Flynt estava dentro dêle. Era com ela que êle partia... O senhor Paul deixou o hotel. Ei-lo na rua... Um veículo aproximou-se velozmente com Luccioni no estribo. O cano de uma metralhadora brilhou à luz dos lampiões, ouviu-se uma descarga furiosa, um clamor prolongado ao qual respondia o grito histérico de uma mulher. As mãos no ventre, Paul jazia hirto na sargeta, e já o negro veículo desaparecia na primeira esquina... Fazendo soar a sirene, o cargueiro corso dobrava o molhe do pôrto, levando Simon apoiado à amurada. O pequeno tinha os olhos fitos na sombria Marselha a desaparecer aos poucos entre as trevas da noite. Seu pensamento estava com sua mãe, sua pobre mãe sentada em seu quarto, a maleta pronta aos pés, certa de que o táxi de Paul, jamais iria buscá-la, pois que a hora do trem, a hora do grande amor... tinha passado.

FIM.

HAROLDO EIRAS . . .

(Cont. da pág. 14)

damés Gnatalli, considerados os dois melhores arranjadores do Brasil. Mas o cantor-compositor não se limitou apenas a estas duas modalidades artísticas; vem-se mostrando verdadeiro descobridor de talentos, haja vista o lançamento da conhecida artista do nosso teatro de revistas, Joana D'Arc, como cantora. Haroldo e Joana são vistos juntos muito freqüentemente em nossas «boites» e teatros, e existe até um rumor, que há forte romance entre os dois. Belo par! Mas Haroldo continua a gostar das louras e adorar as morenas.

Haroldo Eiras é um dos valores mais competentes da nova geração de compositores românticos do Brasil.

PATRÍCIA LACERDA . . .

(Cont. da pág. 13)

porcionar-lhes um espetáculo agradável, através do filme "Com o Diabo no Corpo", esperando contar com seus aplausos, pois, como diz Jaime Costa: "só o aplauso espontâneo incentiva o artista".

E, assim, se despediu Patrícia Lacerda.

Confessamos que saímos da casa da nosa "estrêla", com saudade de sua agradável palestra, de seu sorriso fascinante e de seu tipo afável e encantador.

NOSSA CAPA:
JEAN SIMMONS
(RKO)

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos. 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas proprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari. Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares. rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 4?? São Paulo

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso.

AINDA HÁ SOL . . .

(Cont. da pág. 33)

O garôto fica entregue a Louise, por longo tempo. Ela não recebe nem notícias, nem dinheiro para mantê-lo. Endivida-se, faz tudo o que é possível pela educação dêle, que lhe chama de mãe, o que a desvanece... Mas, essa ventura também lhe é negada, por fim. A mãe do menino reaparece acusa-a de sequestro. Ela, que fugira mesmo com o garôto, julga poder retê-lo em seu poder. E' prêsa. Conrad, ao saber disso, cai para sempre, com uma síncope cardíaca. O juiz procura resolver humanamente a questão. O menino, porém, fica com a mãe — "dura lex..." Louise volta à agência de empregos. Está, contudo muito velha para merecer um novo emprêgo de "nurse". E, porque insista em querer ficar perto de crianças, vai ser servente em uma escola. Sua vista, já enfraquecida, quase lhe ocasiona um desastre ao atravessar uma rua. Resolve ir à policlínica, para obter os óculos de que necessita. Atende-a o Dr. Palfrey, ou seja o mesmo Robbie, de quem ela cuidara na infância... E êste, grato à lembrança, promove uma surprêsa à querida velhinha: reune todos os seus ex-pupilos em um jantar em sua casa. Todos, não: faltava Tony, aquêle que lhe chamava de mãe. Mas êste lhe fala pelo telefone interurbano. E Louise sente os olhos embaciados de emoção. Já duas outras crianças, entretanto, estão junto de si. São os filhos de Robbie, que, agora, são também dela...

CANTA A ALMA POPULAR

NÃO ME PERGUNTE
(Samba)

De José Maria de Abreu e Jair Amorim — Gravação de Sílvio Caldas

Não me pergunte
O motivo a razão
Não me pergunte
Se direi "sim" ou "não"
Sabe melhor do que eu
Que a saudade é cruel
E que o amor mais profundo
Tem um gosto de fel.

Não me pergunte
Se ainda vivo a sofrer
Não me pergunte
Se ainda posso esquecer.

E' bem melhor
Dessa história infeliz não falar
Não desejo não quero
Que me vejam chorar.

★

QUANTA SAUDADE
(Fado)

De Armando Nunes e Antônio Pereira — Gravação de José Azevedo

Quanta saudade,
Eu sinto da Pátria querida
Longe mas nunca esquecida
Quanta saudade, meu Deus!...
Mas tenho esp'ranças
De ter a doce alegria
De lá voltar algum dia
E viver juntinho aos meus!

Rever os campos
Tão lindos cheios de flores
Com seus perfumes e côres
E andorinhas pelo ar
Ouvir ainda
Com alegria a prazer
Ouvir ao anoitecer
Os roxinóis a cantar!...

Ai... quem me dera
Rever a linda casinha
Tão pequenina e branquinha
Onde a infância passei...
Ter a ventura
De correr pelos caminhos
De ter de novo os carinhos
De meus pais, que lá deixei !...

★

ALMA LLANERA
(Corrido)

De Pedro Gutierres — Gravação de Gregório Barrios

Yo naci en esta ribera
Del arauca vibrador
Soy hermana de la espuma
De las garzas de las rosas
Soy hermana de la espuma
De las garzas de las rosos
Y del sol
Y del sol
Me arrulló la viva diana.
De la brisa en el palmar
Y por eso tengo el alma
Como el alma primorosa
Del cristal
Del cristal
Amo, lloro, canto, sueno
Con clavelles de pasión
Con clavelles de pasión
Para ornar las rubias crines
Al potro de mil amor
Yo naci en esta ribera
Del arauca vibrador
Soy hermana de la espuma
De las garzas de las rosas
Y del sol.

★

ÚLTIMA SERESTA
(Samba-canção)

De Adelino Moreira e Sebastião Sant'Anna — Canta, Nelson Gonçalves

Nesta última seresta
Tenho o coração em festa
Quando devia chorar
Sigo triste por deixar a boemia
Porém cheio de alegria
Por ela me acompanhar.

Digo adeus as serenatas
Aos montes, rica, cascatas
E as noites de luar
Adeus, adeus minha gente
Uma canção diferente
vai o boêmio cantar.

Adeus amigos leais
Que não deixaram jamais
Fazer-me qualquer traição
Vosso amigo vai partir
Mais vai feliz a sorrir
Com ela no coração!

Adeus, serestas de amor
Adeus boêmio cantor
Perdoa a ingratidão
Pois para o meu novo abrigo
Eu levo apenas comigo
Ela e o meu violão...

★

A CANÇÃO DO COELHO

Canção de Bob Hilliard e Sammy Fain, versão de João de Barro, gravados pelos trios Madrigal e Melodia

E' tarde, é tarde
Tão tarde até que arde
Ai! Ai! Meu Deus
Alô! Adeus! E' tarde, é tarde, é
[tarde, é tarde, é tarde..

Se eu parar
O tempo vai passar.
O tempo corre muito
E eu não posso me atrasar.

Por isso eu vou correr... correr...
Talvez até voar
Pois se não correr muito
Alguém na frente vai chegar.

Assim eu vou correr
Correr até demais
Porque correndo muito
Eu deixo o tempo para trás.
Bom dia seu conversador
Tu tens boa conversa
O teu bate papo é encantador
Mas tenho muita pressa.
Pressa, pressa, pressa, pressa
Tenho mesmo muita pressa,
[pressa a pressa.

★

O "M" DA MINHA MÃO

Samba-canção de João Ribeiro Filho, gravação de Rosita Gonzales

Quero esquecer teu nome,
Teus beijos e tuas juras,
Que transformaram em pranto,
Tudo o que um dia foi ventura
Quero esquecer o tempo,
Que com a alma iludida,
Resumia nesse amor,
Tôda a razão da minha vida.

Quero esquecer teu nome,
Teus beijos e teus carinhos
Que eram traidores,
Punhais envoltos em arminhos,
Quero esquecer de tudo
Não o quer meu coração
Choro quando teu nome
Vejo no "M" da minha mão.

★

MARGARET

Samba de Pedro Caetano, gravação dos 4 Ases e 1 Coringa

Margaret usava
Cabelo p'ra cima
Cabelo p'ra baixo
Um dia p'ra frente
Outro dia p'ra trás
Não arranjava nada
Mas depois cortou
Um pouquinho de cá
Um pouquinho de lá
E arranjou uma franjinha
Que deu um cartaz
Que foi uma barbada...

Agora não pode chegar à janela
Porque tem gente assim de ôlho
[nela
Porque tem gente assim de ôlho
[nela
Já disseram até que a Margaret
Já ganhou um carro "sport"
Aquela franjinha deu uma sorte..

Todo mundo vive
Malhando de noite
Malhando de dia
Candonga Chiquinha
Candonga Maria
Ninguém quer deixar
A pequena viver
Todo mundo fala
Na hora da mágoa
Ninguém se controla
Mas a Margaret
Não está dando bola
Porque tá bolando
P'ra se defender...



CADA VEZ MELHOR!





JÁ ESTÁ À VENDA

ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado

76 PAGINAS ILUSTRADAS

CR.$ 10,00

EM TODO O BRASIL